



---

ENCONTRO DOS ALUNOS  
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
**LINGUÍSTICA**

---

**XVII Encontro dos Alunos de Pós-Graduação em Linguística**  
"Caminhos acadêmicos: o percurso do aluno de pós-graduação".

Dias: 19 a 23 de Maio de 2014

Universidade de São Paulo  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Departamento de Linguística  
Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral





---

ENCONTRO DOS ALUNOS  
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
**LINGUÍSTICA**

---



## COMISSÃO ORGANIZADORA

### *Coordenação*

Vitor Augusto Nóbrega — Coordenador  
Lara Frutos González — Vice-Coordenadora

### *Tesouraria*

Daniel Carmona Leite  
Thiago Moreira Correa  
Wellington Santos da Silva

### *Equipe de Divulgação*

Lygia Rachel Testa Torelli  
Guilherme W. Rodolfo  
Ricardo Akira Sanoki  
Julia De Crudis Rodrigues



# APRESENTAÇÃO

A 17ª edição do Encontro dos Alunos de Pós-Graduação em Linguística da USP (ENAPOL-USP), “Caminhos Acadêmicos: o percurso do aluno de pós-graduação”, traz como proposta central a discussão de assuntos relacionados ao percurso do aluno de pós-graduação desde seu ingresso em um programa de pesquisa até à sua entrada no mercado de trabalho.

O objetivo é abrir um espaço de diálogo entre alunos e professores para a discussão de temas que envolvem o desempenho, o aprimoramento e a divulgação da pesquisa desenvolvida pelo aluno, bem como a sua preparação prática para o ingresso em uma universidade ou demais centros de pesquisa e aplicação.

Os eixos temáticos sob os quais o evento se articula são os seguintes:

- a) Estágios no exterior
- b) Publicação e divulgação da pesquisa
- c) Após a pós: o início da carreira

Esses eixos temáticos serão abordados em três mesas redondas, formadas por alunos ou ex-alunos, e coordenadas por um professor. No último dia do encontro, elaboraremos uma sessão plenária na qual serão retomados os principais pontos discutidos nas três mesas, a fim de que professores e alunos busquem juntos alternativas e melhorias para os impasses que integram o percurso do aluno de pós-graduação.

Sobre o eixo (a), “estágios no exterior”, visamos proporcionar uma reflexão sobre o bônus e o ônus dos estágios realizados no exterior, principalmente, na modalidade sanduíche. O objetivo

é apresentar, por um lado, os benefícios que esses estágios proporcionam ao aluno, ao permitir que ele vivencie um período de trabalho em outros centros de pesquisa, e, por outro, as principais dificuldades encontradas durante e após a estadia no exterior, como, por exemplo, os problemas relativos aos prazos de defesa.

Sobre o eixo (b), “publicação e divulgação da pesquisa”, colocamos em discussão quais são os espaços de publicação – periódicos nacionais e internacionais – abertos a alunos de pós-graduação. Sabe-se que esses espaços vêm sendo restringidos há algum tempo, já que muitos periódicos admitem, exclusivamente, a publicação de doutores. Além disso, debateremos a necessidade de divulgação da pesquisa por meio de publicações em âmbito nacional e internacional, e forneceremos algumas opções de veículos abertos à publicação de alunos de pós-graduação em meio impresso e digital. Com isso, procuramos incentivar a publicação e divulgação das pesquisas desenvolvidas em nosso programa, considerando que esse é um dos fatores de impacto para a avaliação de sua qualidade.

Por fim, sobre o eixo (c), “após a pós: o início da carreira”, debateremos as opções dos alunos de pós-graduação após a defesa, com o objetivo de avaliar quais os principais desafios do pós-graduando na entrada do mercado de trabalho. Levando em consideração que o programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da FFLCH-USP é um programa de referência nacional, buscaremos discutir o papel de nossos alunos como formadores de outros centros de pesquisa pelo Brasil e no exterior. Para pautar essa discussão, convidaremos ex-alunos do programa que tenham ingressado em outras universidades, a fim de que eles compartilhem conosco suas experiências.

# Programação



ENCONTRO DOS ALUNOS  
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
LINGUÍSTICA



USP

# 19 de maio de 2014

## Abertura

13:00 ~ 13:10 Prof. Dr. Ronald Beline Mendes

## Comunicações 1

13:10 ~ 13:25 Sociolinguística Forense no Facebook: usos linguísticos relacionados a sexo/gênero - Dayane Celestino de Almeida  
Orientador: Prof. Dr. Ronald Beline Mendes

13:25 ~ 13:40 Resultados sobre estudo de nasalização em dâw  
Wallace Costa de Andrade  
Orientadora: Profa. Dra. Luciana Raccanello Storto

13:40 ~ 13:55 Em busca da história linguística do português brasileiro: uma perspectiva semântico-pragmática sobre eventos - Wânia Miranda  
Orientador: Prof. Dr. Marcos Fernando Lopes

13:55 ~ 14:10 Semiótica da emancipação a partir de experiências próprias relatadas por jovens - Daniel Carmona Leite  
Orientador: Prof. Dr. Luiz Augusto de Moraes Tatit

14:10 ~ 14:25 Perguntas e discussão

## Comunicações 2

14:25 ~ 14:40 Uma proposta de análise para sinais morfologicamente complexos da LIBRAS - Aline Garcia Rodero-Takahira  
Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Scher

14:40 ~ 14:55 Os metatermos “voz” e “letra” em gramáticas portuguesas do século XIX - Julia de Crudis Rodrigues  
Orientadora: Profa. Dra. Olga Ferreira Coelho Sansone

14:55 ~ 15:10 Um estudo semiótico da polifonia bakhtiniana: os romances de Fiódor Dostoiévsky - Marcos Rogério Martins Costa  
Orientadora: Profa. Dra. Norma Discini de Campos

15:10 ~ 15:25 Significados sociais de /-r/ em São Paulo  
Larissa Soriano  
Prof. Dr. Ronald Beline Mendes

15:25 ~ 15:40 Perguntas e discussão

## Intervalo

## Comunicações 3

16:00 ~ 16:15 Orações subordinadas relativas versus adverbiais em karitiana  
Ivan Rocha  
Orientadora: Profa. Dra. Luciana Raccanello Storto

16:15 ~ 16:30 Técnicas didáticas de Ferdinand de Saussure no primeiro Curso de Linguística Geral - Lygia Rachel Testa Torelli  
Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina Fernandes Salles Altman

16:30 ~ 16:45 Aí, daí e então: junctivos e marcadores discursivos  
Marília Vieira  
Orientador: Prof. Dr. Ronald Beline Mendes

16:45 ~ 17:00 Tensão e relaxamento no vídeo “The space between the teeth”, de Bill Viola - Ricardo Akira Sanoki  
Orientador: Prof. Dr. Antônio Vicente Pietroforte

17:00 ~ 17:15 Perguntas e discussões

## Mesa Redonda

17:15 ~ 19:00 Publicação e Divulgação da Pesquisa  
Coordenador: Prof. Dr. Ivã Carlos Lopes

Debatedoras: Profa. Dra. Indaiá de Santana Bassani  
Profa. Dra. Mariana Luz Pessoa de Barros

# 20 de maio de 2014

## Comunicações 4

13:00 ~ 13:15 O encaixamento de múltiplas variáveis sociolinguísticas na comunidade paulistana - Livia Oushiro  
Orientador: Prof. Dr. Ronald Beline Mendes

13:15 ~ 13:30 A composição como parte da linguagem humana: uma abordagem sintaticocêntrica - Vitor Augusto Nóbrega  
Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Scher

13:30 ~ 13:45 A categoria de tempo em textos da LIBRAS: as marcas de presente, passado e futuro - Renata Lucia Moreira  
Orientadora: Profa. Dra. Diana Luz Pessoa de Barros

13:45 ~ 14:00 O clítico 'se' no português brasileiro  
Paula Bauab Jorge  
Orientadora: Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão

14:00 ~ 14:15 A forma de vida em Wittgenstein e a teoria do corporeamento da linguística cognitiva - Joana Bortolini Franco  
Orientadora: Profa. Dra. Evani de Carvalho Viotti

14:15 ~ 14:30 Perguntas e discussões

## Comunicações 5

14:30 ~ 14:45 Espaço e língua: análise da narração de uma partida de futebol transmitida por rádio - Rodrigo Lazaresko Madrid  
Orientadora: Profa. Dra. Evani de Carvalho Viotti

14:45 ~ 15:00 O discurso gestual no teatro  
Alpha Condeixa Simonetti  
Orientador: Prof. Dr. Waldir Bevidas

15:00 ~ 15:15 A prosódia na desambiguação de sentenças do português brasileiro: pistas de duração e entoação - Melanie Câmpilongo Angelo  
Orientadora: Profa. Dra. Raquel Santana dos Santos

15:15 ~ 15:30 Frequência lexical e a pronúncia variável de /-r/ em Itanhandu  
Mariane Esteves Bieler da Silva  
Orientador: Prof. Dr. Ronald Beline Mendes

15:30 ~ 15:45 Perguntas e discussões

## Intervalo

## Comunicações 6

16:05 ~ 16:20 A modularidade da mente: bases e escopos de pressupostos metodológicos aos estudos da linguagem humana  
Vanessa Botasso Valentini  
Orientador: Prof. Dr. Marcello Modesto dos Santos

16:20 ~ 16:35 Alagoanos em São Paulo e a concordância nominal de número  
Fernando Gomes da Silva  
Orientador: Prof. Dr. Ronald Beline Mendes

16:35 ~ 16:50 Enunciados modais regendo enunciados descritivos: uma estratégia do sujeito - Paula Martins de Souza  
Orientador: Prof. Dr. Waldir Bevidas

16:50 ~ 17:05 "Acredito que eles falam dessa forma": o indicativo na expressão de modo subjuntivo - Wendel Santos  
Orientador: Prof. Dr. Ronald Beline Mendes

17:05 ~ 17:20 Perguntas e discussões

## Mesa Redonda

17:20 ~ 19:00 Estágios no Exterior  
Coordenadora: Profa. Dra. Ana Paula Scher

Debatedores: Dr. Alexandre Marcelo Bueno  
Dra. Luciana Sanchez Mendes  
M. Livia Oushiro



# 21 de maio de 2014

## Comunicações 7

- 13:00 ~ 13:15 O andamento na tradução intersemiótica  
Bruna Paola Zerbinatti  
Orientador: Prof. Dr. Luiz Augusto de Moraes Tatit
- 13:15 ~ 13:30 Vogais postônicas não-finais: descrição acústica e o correlato fonológico - Arthur Pereira Santana  
Orientadora: Profa. Dra. Raquel Santana dos Santos
- 13:30 ~ 13:45 Veridicção e presença na bíblia sagrada  
Dario de Araujo Cardoso  
Orientadora: Profa. Dra. Norma Discini de Campos
- 13:45 ~ 14:00 Infinitivos flexionados e a visão langackeriana de língua  
Fernanda Canever  
Orientadora: Profa. Dra. Evani de Carvalho Viotti
- 14:00 ~ 14:15 Abordagem computacional para a questão do acento no português brasileiro - Bruno Ferrari Guide  
Orientador: Prof. Dr. Marcelo Barra Ferreira
- 14:15 ~ 14:30 Perguntas e discussões

## Comunicações 8

- 14:30 ~ 14:45 Núcleos funcionais ou adjuntos? Uma análise sintática dos intensificadores de grau no guarani paraguaio - Lara Frutos  
Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia de Paula Müller
- 14:45 ~ 15:00 Percepção e produção do schwa por falantes de inglês como L2  
Carina Silva Fragoço  
Orientadora: Profa. Dra. Raquel Santana dos Santos
- 15:00 ~ 15:15 A circularidade em Ciclonas, de Roberto Piva  
Carolina Fernochi Sant'Ana  
Orientador: Prof. Dr. Antônio Vicente Pietroforte

15:15 ~ 15:30 Alguns efeitos de frequência sobre a realização de morfologia de caso dativo no alemão - Rogério Ferreira da Nóbrega  
Orientador: Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza

15:30 ~ 15:45 Perguntas e discussão

## Intervalo

## Comunicações 9

16:05 ~ 16:20 Grafite e pichação: percursos valorativos  
Thiago Moreira Correa  
Orientador: Prof. Dr. Antônio Vicente Pietroforte

16:20 ~ 16:35 Orações relativas no karitiana  
Karín Camolese Vivanco  
Orientadora: Profa. Dra. Luciana Racanello Storto

16:35 ~ 16:50 Narrativa sinalizada e o uso de demonstrações  
João Paulo da Silva  
Orientadora: Profa. Dra. Evani de Carvalho Viotti

16:50 ~ 17:05 'Por que o dinamarquês é uma língua tão complicada?' — Processos de enfraquecimento consonantal na língua dinamarquesa  
Júlia Sales Paes Fernandez  
Orientador: Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza

17:05 ~ 17:20 Perguntas e discussões

## Mesa Redonda

17:20 ~ 19:00 Após a Pós: o início da carreira  
Coordenadora: Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão

Debatedores: Prof. Dra. Maria Clara Paixão de Souza  
Prof. Dr. Marcos Fernando Lopes  
Prof. Dr. Rafael Dias Minussi

# 22 de maio de 2014

## Comunicações 10

- 13:00 ~ 13:15 Da negação da euforia barroca à afirmação da poesia da agudeza  
Carolina Tomasi  
Orientador: Prof. Dr. Antônio Vicente Pietroforte
- 13:15 ~ 13:30 Princípios de uma abordagem dinâmica do acento lexical na fala e no canto - Cássio Andrade Santos  
Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Raposo de Medeiros
- 13:30 ~ 13:45 Macedo Soares [1838-1905] e o contato do português brasileiro com as línguas africanas em estudos lexicográficos do dialeto brasileiro (1943[1874-1890]) - Patrícia de Souza Borges  
Orientadora: Profa. Dra. Olga Ferreira Coelho Sansone
- 13:45 ~ 14:00 A evidencialidade em karitiana  
Thiago Chaves Alexandre  
Orientadora: Profa. Dra. Ana Lucia de Paula Müller
- 14:00 ~ 14:15 Fisionomia e variações timbrísticas: estudo de caso do álbum "Música de Brinquedo" - Lucas Takeo Shimoda  
Orientador: Prof. Dr. Luiz Augusto de Moraes Tatit
- 14:15 ~ 14:30 Perguntas e discussões

## Comunicações 11

- 14:30 ~ 14:45 As classes verbais da língua dâw  
Jéssica Costa  
Orientadora: Profa. Dra. Luciana Raccanello Storto
- 14:45 ~ 15:00 Língua natural & Sistema musical – outros enfoques para uma velha analogia - Diocleyr Baulé  
Orientador: Prof. Dr. Antônio Vicente Pietroforte
- 15:00 ~ 15:15 Movimento de tópico e foco no português brasileiro: seria uma questão contraste? - Fernanda Rosa  
Orientador: Prof. Dr. Marcelo Barra Ferreira

- 15:15 ~ 15:30 A vocalização da consoante lateral: um breve estudo sobre a diacronia deste processo em francês e outras línguas europeias  
Henrique Martins de Moraes  
Orientador: Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza

- 15:30 ~ 15:45 Perguntas e discussões

## Intervalo

## Comunicações 12

- 16:05 ~ 16:20 "Verbo substantivo" em gramáticas brasileiras do século XIX  
Bruna Soares Polachini  
Orientadora: Profa. Dra. Olga Ferreira Coelho Sansone
- 16:20 ~ 16:35 A superaplicação da palatalização em onsets complexos /tr, dr, tl, dl/ não produzidos: perspectivas de análise  
Andressa Toni  
Orientadora: Profa. Dra. Raquel Santana dos Santos
- 16:35 ~ 16:50 Descrição semântica de uma narrativa em espanhol andino colombiano - Juliana Ángel-Osorno  
Orientadora: Profa. Dra. Evani de Carvalho Viotti
- 16:50 ~ 17:05 Semiótica da composição pictural: o jogo tensivo entre o figurativo e o plástico na série das ligas de Wesley Duke Lee  
Saulo Nogueira Schwartzmann  
Orientador: Prof. Dr. Ivã Carlos Lopes
- 17:05 ~ 17:20 Perguntas e discussões
- 17:20 ~ 19:00 Coordenadora: Profa. Dra. Olga Ferreira Coelho Sansone

## Sessão Plenária



23 de maio de 2014

PGL50

## 50 anos de Pós-Graduação em Linguística da USP

### Abertura

14:00 ~ 14:15

### Mesa 1

14:15 ~ 17:00

A criação de um Programa de Pós-Graduação em Linguística na USP: contexto, emergência e desdobramentos

Profa. Dra. Maria Cristina Fernandes Salles Altman

Profa. Dra. Olga Ferreira Coelho Sansone

Profa. Dra. Diana Luz Pessoa de Barros

### Intervalo

### Mesa 2

17:30 ~ 19:35

O Departamento de Linguística: desenvolvimento e projeções

Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão

Prof. Dr. Ronald Beline Mendes



# Resumos



ENCONTRO DOS ALUNOS  
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
LINGUÍSTICA



USP

## UMA PROPOSTA DE ANÁLISE PARA SINAIS MORFOLOGICAMENTE COMPLEXOS DA LIBRAS

Aline Garcia Rodero Takahira (CAPES)  
alinegr@usp.br

Este trabalho investiga a formação de sinais morfológicamente complexos da libras (Língua de Sinais Brasileira). Os sinais analisados envolvem formações com: i) dois ou mais sinais manuais (sequenciais), VER ^ PEGAR “achar”; ii) dois ou mais sinais manuais e não-manuais (simultâneos), SEXO | | VIAGEM “lua de mel”, em que SEXO (sinal não-manual) é realizado simultaneamente a VIAGEM (sinal manual); e, iii) classificadores (CLs) ou sinais e CLs (sequenciais ou simultâneos), BICOCL ^ ASASCL “pássaro” (sequencial). Os dados foram coletados através de gravações de histórias e entrevistas, eliciadas por figuras, com três colaboradores Surdos da cidade de São Paulo. Nossa hipótese é que esses dados são compostos, pois observamos que eles resultam na formação de um novo sinal, e apresentam características atribuídas aos compostos como já investigado em outras línguas de sinais, dentre elas a redução de movimento entre os sinais (KLIMA; BELLUGI, 1979; LIDDELL, 1986). Consideramos que CLs são morfológicamente complexos e são gerados da mesma forma que sinais simples. Nos moldes da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993), MD, Zwitterlood (2008) considera que sinais semanticamente motivados são formados como compostos raiz. Nessa análise, cada parâmetro (Movimento, Configuração de Mãos ou Locação) contribui como uma raiz para a formação do composto. Uma vez que os parâmetros da libras são vistos como agrupamentos dos menores elementos constituintes dos sinais, fonemas, a análise de Zwitterlood (2008) considera haver fonologia nas raízes. Na MD, a inserção fonológica se dá pós-sintaticamente através da Inserção de Vocabulário. Algumas versões da teoria sugerem que mesmo as raízes não apresentam conteúdo fonológico. Nosso objetivo é investigar se nossos dados apontam, de fato, para a existência de fonologia na raiz em uma equivalência um a um, sendo uma raiz igual a um fonema, como na proposta de Zwitterlood (2008). Essa investigação nos levará a uma análise detalhada dos sinais morfológicamente complexos da libras.

## O DISCURSO GESTUAL NO TEATRO

Alpha Condeixa Simonetti (CAPES)  
alpha.simonetti@gmail.com

O objetivo deste trabalho é demonstrar uma primeira abordagem da gestualidade no teatro segundo a semiótica francesa. No texto “Condições para uma Semiótica do Mundo Natural” (GREIMAS, 1975, p. 46-85), o mestre lituano lança algumas bases para análise tanto do plano do conteúdo quanto da expressão do “volume em movimento”, ainda que o estatuto semiótico do gesto oscile entre os princípios do signo e do símbolo. Com isso, estava em cheque até mesmo a chamada autonomia do sistema a partir da qual se contempla a produção de sentido de um ponto de vista criativo. Por outro lado, no artigo supracitado, as dimensões (atributiva, modal e mimética) sugeridas pelo autor fundamentam o plano do conteúdo do discurso gestual, levantando problemas relativos ao posicionamento do sujeito enunciativo pressuposto pelo enunciado gestual. Tendo em vista as sugestões greimasianas para uma consolidação da semiótica gestual, visamos demonstrar a aplicabilidade da metodologia diante de um espetáculo, *Kelbilim, o cão da divindade* (1984), do grupo Lume sediado em Campinas, São Paulo. Esta peça é exemplar para tal análise, já que todo o percurso gerativo do sentido depende quase exclusivamente da manifestação gestual. Sendo assim, é necessário ressaltar as contribuições teóricas da semiótica de linha francesa diante do estudo dos discursos gestuais no teatro.

## A SUPERAPLICAÇÃO DA PALATALIZAÇÃO EM ONSETS COMPLEXOS /tr, dr, tl, dl/ NÃO PRODUZIDOS: PERSPECTIVAS DE ANÁLISE

Andressa Toni (CNPq)  
andressa.toni@usp.br

Visando contribuir com os estudos sobre a formação das representações fonológicas na fala infantil, o presente trabalho apresenta questionamentos e formas de investigação acerca da estruturação e consolidação das formas fonológicas subjacentes na aquisição da estrutura silábica CCV no Português Brasileiro. O onset complexo caracteriza-se como um domínio tardio de aquisição, tanto pela presença das líquidas /l/ e /r/, que emergem no inventário segmental apenas aos 3;0 e 4;02 anos, respectivamente, segundo Mezzomo e Ribas (2004), como pela própria estrutura de ataque ramificado, que manifesta-se somente após os 5;0 anos (RIBAS, 2004). Quando não produzido, contudo, o onset complexo pode interagir com processos fonológicos da fala adulta, como a palatalização das oclusivas coronais, que tem sua aquisição consolidada entre 2;08 e 3;03 anos (TONI, 2011), período anterior ao surgimento da estrutura CCV. O estudo de Toni (2011) observou a palatalização de 16% dos tokens constituídos por sílabas /tri, dri/ na fala de dez crianças entre 2;05 e 4;02 anos (12 casos em 72 produções), conforme os exemplos abaixo:



Produções [to 'tʃi.ɲu]  
'Os sete monstros' ['sɛ.tʃi mōs' tʃi.ɲu]

[pa'dʒi.ɲu 'ma.ʒi.ku]  
'Os padrinhos mágicos' [pra'dʒi.ɲu 'ma.ʒi.ku]

Partindo destas produções, questiona-se a que as realizações infantis acima seriam devidas: por meio da análise acústica da palatalização em diferentes segmentos e tipos silábicos (estruturas CV versus CCV, oclusivas coronais versus não coronais, estratégias de reparo), pode-se discutir se a palatalização de /tri, dri, tli, dli/ seria reflexo de processos aplicados em nível representacional inadequado, se teria causa na ordenação incorreta da regra de simplificação de CCV e da palatalização, se seria efeito da subespecificação de coronais ou da inserção do morfema diminutivo, ou ainda uma questão de percepção entre os tipos silábicos. Tal cotejo poderá lançar luzes acerca da conformação fonológica dos itens lexicais na fala infantil e sua possível diferenciação da língua alvo.

## VOGAIS POSTÔNICAS NÃO FINAIS: DESCRIÇÃO ACÚSTICA E O CORRELATO FONOLÓGICO

Arthur Pereira Santana (CNPq)  
arthurpereirasantana@gmail.com

Caracterização acústica das vogais postônicas não-finais de dois dialetos do Português Brasileiro (doravante PB), o de São Paulo e o de São Luís. Para Bisol (2003), há duas regras de neutralização a favor das vogais altas no PB, e não três como defende Câmara Jr. (1977). Tal interpretação resolveria a questão da assimetria do contexto postônico não-final na proposta de Câmara Jr. (1977), mas acarretaria problemas ao se tentar explicar os casos descritos por Santana (2012) de médias abertas na postônica não-final em São Luís. Dessa forma, este estudo objetiva fazer uma descrição acústica, ainda que introdutória, das vogais médias em posição postônica não-final em dois dialetos do PB, o de São Paulo e o de São Luís, com o objetivo de comprovar a existência de médias abertas na postônica não-final no dialeto ludovicense e buscar pistas que ajudem a comprovar, ou não, hipóteses previamente defendidas a respeito do vocalismo postônico não-final,

objeto de uma pesquisa mais ampla na qual o estudo se insere. Para tanto, aplicou-se um teste de leitura de palavras com cinco informantes do sexo feminino naturais de cada uma das localidades. As análises foram feitas por meio do software PRAAT (BOERSMA; WEENINK, 2013) para descrever a duração e os valores dos dois primeiros formantes das vogais médias em posição postônica não-final, bem como das derivadas altas e, no dialeto ludovicense, médias-baixas. Os resultados obtidos mostram que as vogais derivadas, sejam elas altas ou médias-baixas, na postônica não-final seguem o mesmo padrão acústico que aqueles descritos em pesquisas sobre as pretônicas (CALLOU et al., 2013; MACHADO, 2010; KENSTOWICZ; SÂNDALO, 2013), além de comprovar que as vogais médias-abertas em posição postônica não-final no dialeto de São Luís não são eventualidades isoladas, uma vez que apresentam propriedades constantes no que diz respeito a valores formânticos e de duração.

## O ANDAMENTO NA TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA

Bruna Paola Zerbinatti (CNPq)  
brunapaola@uol.com.br

Quando se fala em tradução intersemiótica, algumas questões são sempre levantadas, tais como: o que adaptar, como adaptar e, sobretudo, tal tradução é possível? Nossa proposta para este trabalho é interrogar uma série de problemas colocados pela tradução intersemiótica a partir do conceito de andamento conforme proposto pelo semiótico francês Claude Zilberberg. Tal conceito nos servirá para estudar *Ex-Isto*, a adaptação cinematográfica do romance brasileiro *Catatau*, de Paulo Leminski, dirigida por Cao Guimarães. A aceleração e a desaceleração do andamento estão diretamente ligadas à sintaxe intensiva, que caracteriza os movimentos de aumento e de diminuição, ou seja, as progressões ascendentes e descendentes que estão na base do movimento tensivo. Assim, "mais" e "menos" podem ser considerados unidades da progressão tensiva, que se estende da falta ao excesso. Quando uma destas possibilidades é privilegiada em um texto, temos a caracterização de um estilo sintático. No romance a ser estudado, observamos um percurso ascendente em que o texto apresenta uma acumulação de aumentos (mais mais), percebidos como uma intensidade tamanha que resistem a toda tentativa de diminuição (menos mais). Um livro marcado pela aceleração e por novidades contínuas torna-se um filme pleno de silêncios e repetições. As frases que, no livro, passam sob os olhos do leitor, desenvolvem-se muito lentamente no filme. Entretanto, embora haja essa diferença no tratamento da aceleração, as consequências para o enunciatário são semelhantes nas duas obras. Da diminuição excessiva da velocidade de um objeto resulta, para o sujeito, em uma incapacidade de apreensão, do mesmo modo que ocorre com uma aceleração desenfreada. Assim,

pretendemos mostrar como as duas obras mostram de maneira específica os efeitos do andamento. Utilizando o parâmetro do andamento de maneira inversa, filme e livro produzem um mesmo efeito: perturbar o enunciatário conduzindo-o aos limites do suportável.

## O "VERBO SUBSTANTIVO" EM GRAMÁTICAS BRASILEIRAS DO SÉCULO XIX

Bruna Soares Polachini (CNPq)  
bpolachini@gmail.com

O conceito de "verbo substantivo", isto é, a cópula necessária à proposição, existe, pelo menos, desde o Peri Hermeneias de Aristóteles (384 a.C. - 382 a.C.), ainda que em outra terminologia. Posteriormente, a noção e o termo são mencionados em trabalhos gramaticais de impacto que buscavam algum universal nas línguas, como a Minerva (1587), de Sanchez de las Brozas (1523-1600), a Grammaire Générale et Raisonnée de Port-Royal (1660), de Arnauld (1612-1694) e Lancelot (1615-1695), e mesmo nos artigos de Dumarsais (1676-1756) e Beauzée (1717-1789) na Encyclopédie (1772). Visto ser essa cópula parte necessária, porém nem sempre evidente, da proposição, nota-se que a concepção de proposição das obras supracitadas têm estrita relação com a de verbo substantivo. Neste trabalho, procuramos observar o percurso que a noção de verbo substantivo tem na emergência e constituição da gramaticografia brasileira do português, no século XIX, tendo como base metodológica o que Swiggers (2010) chama de conteúdo contrastivo de um termo ou conceito, isto é, a rede, implícita ou explícita, de conteúdos no interior da qual o conceito de verbo substantivo, em relação com o de proposição, assume seu conteúdo dinâmico. Assim, nosso objetivo é captar as continuidades e descontinuidades no tratamento desse verbo, em seu conteúdo dinâmico, na tradição mencionada. Para tanto, coletamos dados de vinte cinco gramáticas do período, incluindo suas reedições (muitas vezes corrigidas), número de obras a que chegamos até o momento em nossa pesquisa exaustiva, são elas: Morais Silva (1806, 1813, 1824), Costa Duarte (1829, 1853, 1859), Coruja (1835, 1846, 1873), Sotero dos Reis (1866, 1871, 1877), Rabelo (1872), Freire da Silva (1875, 1894), Carneiro Ribeiro (1877, 1890), Julio Ribeiro (1881, 1900), Grivet (1881), Pacheco & Lameira (1887), Maciel (1887, 1902), Massa (1888), João Ribeiro (1889), Costa e Cunha (1895) e Boscoli (1900).

## ABORDAGEM COMPUTACIONAL PARA A QUESTÃO DO ACENTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Bruno Ferrari Guide  
bruno.fguide@gmail.com

O objetivo central do projeto é apresentar uma abordagem computacional robusta à questão do acento no português brasileiro.

Tal análise está sendo feita a partir do estudo crítico das principais soluções propostas para a questão, como um primeiro passo para desenvolver uma abordagem que traga inovação para a área.

A discussão teórica irá ser concluída com a construção e implementação de algoritmos que sejam aplicações das teorias, que irão ser testados em corpora relevante do português a fim de desenvolver uma medida do desempenho das propostas.

Simultaneamente, está sendo desenvolvido um corpus anotado de palavras do português acentuadas a partir do qual irão ser construídos e implementados os dois algoritmos de natureza probabilística que irão compor o quadro comparativo desenhado pelo projeto.

O primeiro algoritmo se baseia no modelo de n-gramas, onde a atribuição de acento a um segmento se dá a partir dos n segmentos anteriores, configurando assim, um modelo puramente estatístico que enxerga apenas padrões simples de ocorrência.

O segundo algoritmo será um classificador Bayesiano ingênuo, uma abordagem probabilística mais sofisticada e mais exigente que leva em consideração um vetor de traços a serem definidos para, no caso, atribuir o acento de uma palavra.

Em paralelo ao desenvolvimento dos algoritmos e estudo crítico das teorias, a construção dos corpora de teste está sendo levada a cabo pensando na necessidade de capturar o desempenho dos modelos em face a um corpus dicionário, onde toda palavra tem o mesmo peso, e um corpus de escrita, onde palavras mais recorrentes possuem mais peso.

Por fim, já está sendo feito o esforço de desenvolver e aplicar um teste onde serão apresentadas pseudopalavras para falantes a fim de comparar o comportamento dos modelos algorítmicos com o de falantes nativos diante dos contextos novos.

## PERCEPÇÃO E PRODUÇÃO DO SCHWA POR FALANTES DE INGLÊS COMO L2

Carina Silva Fragozo (CAPES)  
cfragozo@gmail.com

Na língua inglesa, vogais plenas são geralmente substituídas pela vogal neutra schwa em posições átonas, o que normalmente não ocorre no português brasileiro. Esta apresentação tem como objetivo demonstrar os resultados referentes à produção de vogais reduzidas do inglês obtidos em Fragozo (2010) e incluir novos resultados referentes à percepção do schwa por falantes de inglês como L2. O estudo de 2010 contou com 16 dezesseis falantes de inglês como L2, que produziram 60 frases afirmativas contendo as palavras funcionais *at, for, from, of e to*, as quais são normalmente produzidas com o schwa por falantes nativos. No presente estudo, os participantes ouviram a pronúncia do schwa em 15 palavras de conteúdo e 20 frases contendo as mesmas palavras funcionais do estudo anterior produzidas por uma falante nativa de inglês americano e julgaram cada pronúncia como correta ou incorreta. A análise estatística do estudo de 2010 revelou que a vogal fonológica /u/, que corresponde à preposição *to*, foi a maior favorecedora à aplicação da redução. Além disso, a redução foi favorecida em palavras funcionais seguidas por sílabas com acento primário e por palavras com acento frasal forte, o que demonstra a importância do contexto prosódico para o fenômeno em questão. No estudo perceptual, os resultados apontaram para um percentual de acertos de 83,33%, sendo que os sujeitos tiveram mais facilidade em classificar corretamente as palavras de conteúdo do que as palavras funcionais. Ambas as pesquisas indicaram, por fim, que a duração é um aspecto tão relevante quanto a qualidade do schwa, tanto na produção quanto na percepção de vogais reduzidas, e que a produção do schwa na fala nativa varia de acordo com o contexto e com a vogal plena subjacente.

## A CIRCULARIDADE EM CICLONES, DE ROBERTO PIVA

Carolina Fernochi Sant'Ana  
karowsantana@gmail.com

Roberto Piva foi um poeta paulistano, nascido em 25 de Janeiro de 1937 e falecido em 3 de Julho de 2010. Suas obras reunidas foram publicadas entre 2005 e 2008, em três coletâneas: *Um Estrangeiro na Legião*, *Mala na mão & Asas Pretas* e *Estranhos Sinais de Saturno*.

As obras do volume 3, *Estranhos sinais de Saturno*, tem um caráter visivelmente mais místico, com uma temática xamânica, voltando para a busca pela espiritualidade e, dessa forma, aproxima-se de alguns poetas da natureza, desde românticos, como William Blake, a contemporâneos, como o poeta beat Gary Snyder. Este volume reúne os livros *Ciclones*, publicado em 1997, e os inéditos *Estranhos sinais de Saturno* e *Sindicato da natureza*, conjunto de manifestos, além de um compact

disc contendo gravações de poemas lidos pelo seu autor.

A teoria semiótica greimasiana nos ajuda a atingir a compreensão do sentido, tanto de um poema individualmente quanto de um grupo de poemas que formam um discurso. O poema em análise, "O arco-íris", faz parte do livro *Ciclones*. Nesse livro, assim como no conjunto do volume, a maioria dos poemas não tem título e são compostos, com algumas exceções, de poucos versos iniciados por letras minúsculas e sem pontuação.

A reiteração de traços que constituem a linha interpretativa de um discurso é chamada pela semiótica de isotopia, que em *Ciclones*, como já evocado pelo título, é de circularidade. *Ciclone* é um "turbilhão em que o ar se precipita em círculos espiralados para dentro de uma área de baixa pressão"; o título do livro está no plural, o que intensifica ainda mais essa circularidade, isto é, não é apenas um ciclone. Essa isotopia é reafirmada pelo poema em análise, que servirá de base para considerações que podem ser aplicadas ao livro como um todo.

## DA NEGAÇÃO DA EUFORIA BARROCA À AFIRMAÇÃO DA POESIA DA AGUDEZA

Carolina Tomasi (CNPq)  
tomasicarol@usp.br

As recepções contemporâneas aos séculos XVI e XVII não entendem as produções literárias como barrocas e sim como clássicas, diferentemente, portanto, do valor atribuído ao "estado de barroco" constante dos textos da crítica do século XX (cf. HANSEN In: MOREIRA; ROCHA, 2005, p. 16-17). Ao investigar as obras de Peregrini (1997), Gracián (1986), Hansen (2000; 2006a; 2006b; 2006c), depreendemos a agudeza como sistematizadora das produções barrocas do século XVII. Além disso, notamos, por meio de nossa pesquisa de doutorado, não a presença eufórica de barroco sincrônico ou a existência de um possível neobarroco, mas sim as gradações da agudeza como operador formal da poesia dita barroquista. A partir dessa agudeza, propomos nesta comunicação, dentro do quadro teórico-metodológico da semiótica tensiva (ZILBERBERG, 2006), demonstrar os caminhos para entender como essa poesia, entendida por muitos críticos como "neobarroca", é regida por uma oscilação que a regula entre dominância de agudeza do plano da expressão (PE) e dominância de agudeza do plano do conteúdo (PC). Desse modo, as propriedades da agudeza podem ser observadas nos objetos poéticos com algumas diferenças tensivas. Para tratar essas diferenças, sugerimos em nossa tese o desdobramento da agudeza em duas vertentes: agudeza do PE e agudeza do PC, que, observadas de um ponto de vista das gradações tensivas, determinam diferenças de intensidade no obscurecimento do PE do enunciado poético. A instância da enunciação, por exemplo, ao privilegiar



a tonificação das agudezas do PE, busca delongar o reconhecimento intelectual do conteúdo. Por fim, foi-nos possível verificar também que a agudeza do PE promove uma tensão estetizante, um jogo entre o prazer da conservação sensível e o prazer demorado do reconhecimento inteligível do objeto estético.

## PRINCÍPIOS DE UMA ABORDAGEM DINÂMICA DO ACENTO LEXICAL NA FALA E NO CANTO

Cássio Andrade Santos (CAPES)  
cassioandradesantos@hotmail.com

Neste trabalho, compara-se, por meio de gravações e análises acústicas experimentais, a realização de sílabas tônicas e átonas na fala e no canto. A comparação entre fala e canto baseia-se no fato de o canto carregar consigo uma estrutura temporal pré-estabelecida, oriunda da estrutura musical (batida, ritmo e metro) e que determina a duração das notas/sílabas. A comparação entre tônicas e átonas se deve ao fato de as tônicas, principalmente na música (COOPER; MEYER, 1960), mas também na fala (MASSINI-CAGLIARI, 1992), serem aquilo em torno do qual se estrutura o ritmo.

Como base teórica, tomam-se os trabalhos que definem a linguagem como um fenômeno dinâmico: plástico e que se realiza no tempo (BROWMAN; GOLDSTEIN, 1986; ELMAN, 1995; KELSO, 1995; ALBANO, 2001). Essa escolha se deve, primeiramente, pela relação que se estabelece nessa base entre linguagem e seu processamento cognitivo, entre o concreto (o sinal acústico), as questões de ordem motora (ou seja, as teorias dinâmicas voltam seu olhar também aos movimentos do trato na realização da fala) e o abstrato (o fonema). A escolha por tais teorias, se deve, ainda, a determinadas características do nosso objeto de estudo, o acento lexical, mais precisamente ao fato de as sílabas acentuadas em português falado serem caracterizadas, acusticamente, não por um traço relativo a altura (frequência fundamental), ou intensidade (amplitude), mas por uma maior duração.

A hipótese principal do estudo é de que a qualidade vocálica seja o principal correlato das sílabas tônicas no canto; levantando a seguinte problemática: no contexto do canto, a duração das sílabas tende à estrutura musical (mínimas e semínimas) ou a estrutura linguística (tônicas e átonas)?

Elaboramos um experimento com dois fatores, Canto e Fala, divididos em: sílaba tônica em tempo forte, sílaba pré-tônica em tempo fraco e sílaba pós-tônica em tempo fraco. Nossa problemática se concentra na comparação entre os níveis tônicas em tempo forte e pré-tônicas e pós-tônicas em tempo fraco do Canto.

## SEMIÓTICA DA EMANCIPAÇÃO A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS PRÓPRIAS RELATADAS POR JOVENS

Daniel Carmona Leite (CNPq)  
daniel.leite@usp.br

A emancipação é uma passagem pela que muitas das pessoas que habitam nosso planeta irão passar em suas trajetórias de vida. Significa, em um plano abstrato, sobretudo, a passagem de um sujeito saindo da conjunção com valores de dependência - a saber: a impotência (o não-poder-fazer) e a obediência (o não-poder-não-fazer) – indo à perda do vínculo com estes e ao estabelecimento de uma nova conjunção, desta vez com valores relacionados ao eixo da soberania, ou seja: a potência (o poder fazer) e a independência (o poder-não-fazer). A dinâmica das aquisições de modalidade relacionadas ao poder fazer se difundem em uma sucessão ilimitada de Programas Narrativos de Uso até chegar à aquisição do Programa Narrativo de Base, que consagra o sujeito do discurso em plena conformidade com a soberania com respeito a um determinado fazer.

O objeto de estudo principal sobre o que nos debruçamos são as entrevistas individuais realizadas com alguns jovens que têm práticas de independência em suas vidas e que se dispuseram a compartilhá-las conosco. Como não poderia deixar de ser, estaremos diante de textos orais e cujas temáticas usualmente estarão vinculadas ao universo de relacionamento dos entrevistados e aos seus centros dêiticos.

Reconhecendo a relativa inovação epistêmica e metodológica que subjaz à aplicação do atual aparato instrumental semiótico à análise de um objeto que traz em si extensões sociológicas e psicológicas (os estudos semióticos até a presente data têm centrado suas análises em discursos artísticos), sabemos que, quando aplicada à narração de ações “reais” (termo impreciso, usado aqui no sentido de “não ficcionais”), a teoria demonstra possuir, ainda lá, sua funcionalidade.

Postas as colocações acima, podemos resumir o nosso interesse em outras palavras: nos valer da metodologia de investigação semiótica do percurso gerativo de sentido para analisar entrevistas com jovens falando de suas próprias experiências em busca da emancipação.

## VERIDICÇÃO E PRESENÇA NA BÍBLIA SAGRADA

Dario de Araujo Cardoso  
dariocardoso@usp.br

Desde seus primeiros dias a Semiótica tem encontrado no discurso religioso um importante espaço de reflexão teórica acerca da produção do sentido. Em particular Greimas (1977, p. 232), apontou o texto bíblico dos Evangelhos como “lugar estrategicamente privilegiado da reflexão metodológica sobre os modos de funcionamento dos discursos pluri-isotópicos”. Com isso formou-se um repositório de estudos na Bíblia Sagrada que tem acompanhado o desenvolvimento desse projeto científico. Atualmente, quando a Semiótica se volta para os aspectos tensivos do sentido, torna-se necessário dar continuidade a essa tradição e trazer o texto bíblico, texto fundador discurso religioso judaico-cristão para o campo das discussões. A partir do conceito de veridicção, a pesquisa busca demonstrar como se constitui a presença divina na Bíblia Sagrada enquanto esta se discursiviza de modo peculiar como palavra revelada. A partir da análise de textos extraídos do discurso religioso, em especial do Novo Testamento da Bíblia Sagrada, investigamos como e por que é construído um particular contrato de veridicção que institui o mundo divino no discurso religioso, uma vez que se situa em algum lugar entre a veridicção e a verossimilhança. Tendo em vista que a falta do ser constitui a estesia e é inerente a toda visada do sujeito no mundo sensível e que a falta (atualizante) intensifica o foco, levando da ausência à presença, veremos que, no texto bíblico, por meio da saturação, a presença divina é instituída como causadora e solucionadora da tensividade que mobiliza o enunciatário a crer.

#### SOCIOLINGÜÍSTICA FORENSE NO FACEBOOK: USOS LINGÜÍSTICOS RELACIONADOS A SEXO/GÊNERO

Dayane Celestino de Almeida (CNPq)  
daycelestino@gmail.com

Este trabalho apresenta uma análise de um conjunto de 60 mensagens extraídas de 20 participantes da rede social Facebook, a fim de revelar usos linguísticos que podem ser marcas da escrita de homens ou mulheres nesse registro e de contribuir para a elaboração de perfis sociolinguísticos a serem utilizados em situações forenses (processos judiciais ou investigações criminais).

Casos de insultos e ameaças feitos através de falsos usuários em redes sociais online (Facebook, Twitter, etc.) ou via e-mails anônimos têm sido frequentemente relatados. Perfis sociolinguísticos ajudariam a estreitar a busca por suspeitos em tais casos; poderiam ainda ser usados em investigações em que policiais precisem escrever – na Internet, por exemplo – a um interlocutor fazendo-se passar por outra pessoa, com um perfil diferente do seu (GRANT, 2008, 2013).

A pesquisa sociolinguística consistentemente tem demonstrado que pessoas de sexos diferentes usam

a língua de maneira diferente (e.g., HOLMES; MEYERHOFF, 2003; CHAMBERS, 1995; CAMERON; KULICK, 2006). Os resultados obtidos nesta análise indicam que as características linguísticas mais marcantes nos posts masculinos são a não acentuação, o não uso da pontuação padrão, o uso de linguagem ofensiva ou “tabu” e o tema do “entretenimento”. Por sua vez, as características linguísticas mais usadas por mulheres são o uso de diminutivos, o uso de Emoticons, a repetição de letras e o tema do “cuidado/carinho”. No contexto forense, determinar o sexo de um autor é um passo na direção de identificar quem estava ao teclado, ou seja, de satisfazer o objetivo forense de responder: “Quem escreveu este texto?”.

#### LÍNGUA NATURAL & SISTEMA MUSICAL: OUTROS ENFOQUES PARA UMA VELHA ANALOGIA

Diocleyr Baulé  
baule3@gmail.com

Este trabalho arrisca um gesto analítico que explore o quanto conseguir a analogia língua/música. Mais acuradamente, língua natural/sistema musical, tentar entender qual a identidade das relações que reúne ou opõe estes termos.

Seria uma grande pretensão (ou mesmo erro) querer provar que poderíamos usar sempre os mesmos critérios de análise para as duas semióticas; muitas são as semelhanças e fundamentais as diferenças. Seriam a língua, a semiótica capaz de traduzir todas as outras, e a música, aquela língua que todos entendem mas impossível de traduzir?

Está claro que o tema é vasto e é óbvio que esgotá-lo não é a pretensão, nesta reflexão a questão, o microcosmos teórico do qual tirar-se-ão as inferências vai orbitar em torno dos princípios saussurianos – sistema, língua, analogia, arbitrariedade, linearidade, signo dual, absoluto caráter social, valor – segundo as exegeses de Hjelmslev, Benveniste, Jakobson e Greimas como eles estão definidos, sintetizados e comentados no Dicionário de Semiótica Greimas/Cortés daí, refletir sobre suas aplicabilidades aos sistemas musicais.

Dentre as várias maneiras possíveis de pensar a música destacamos, por um lado a música, enquadrar-se-ia na concepção hjelmsleviana de linguagem monoplana ou de não-linguagem, por outro, a proposta de encará-la como linguagem, uma forma de comunicação, com estatuto de macrossemiótica da qual todos os seres humanos participam.

## INFINITIVOS FLEXIONADOS E A VISÃO LANGACKERIANA DE LÍNGUA

Fernanda Canever (CAPES)  
fernandacanever@gmail.com

Em seu modelo dinâmico de língua baseado no uso, Langacker (2000) propõe que os princípios fundamentais da estrutura linguística derivam da experiência com a língua, havendo, assim, uma correlação entre a frequência de ocorrência de estruturas linguísticas e seu grau de arraigamento cognitivo. À luz desse modelo, este estudo explora a questão de como se dá a atualização do nosso conhecimento linguístico através do uso, focalizando, em especial, o processo de propagação de inovações.

Para tal fim, o fenômeno linguístico investigado é o infinitivo flexionado, cujo uso é considerado opcional em inúmeros contextos sintáticos. Partindo dos números referentes ao emprego do infinitivo flexionado em um corpus de língua escrita culta – Corpus LLICPósLetrasUsp – (CANEVER, 2012), este estudo busca as tendências de uso da flexão no corpus de língua falada SP2010. Além de uma forte preferência pelo uso da morfologia flexional em contextos sintáticos tidos como opcionais, Canever revelou ocorrências da flexão em contextos sintáticos em que a flexão de infinitivo é considerada impossível (MAURER, 1968; MODESTO, 2011), o que vem sendo observado em fatos do PB, como os seguintes:

1. Os alunos podem fazerem a greve.
2. Nós não vamos nos determos nessa questão.
3. O interessante é vocês poderem misturarem os pratos.
4. As pessoas vão responderem.

A hipótese que se explora é a de que tais usos inovadores resultam de efeitos de frequência de uso. Além disso, considerando a lacuna que existe entre o que a literatura sobre o infinitivo flexionado diz e o que se observa em dados de língua em uso, este estudo empírico representa mais um passo no mapeamento desse fenômeno linguístico em PB. Para a extração automática dos dados, utiliza-se software R (R, 2011; GRIES, 2009) e o script desenvolvido em Canever (2012).

## MOVIMENTO DE TÓPICO E FOCO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: SERIA UMA QUESTÃO DE CONTRASTE?

Fernanda Rosa da Silva  
fernandarosa@usp.br

Este trabalho investiga as diferenças semânticas e pragmáticas de sentenças do português brasileiro em que sintagmas definidos com função de tópico ou foco são movidos para a periferia esquerda. Observe o contexto abaixo:

(1)A: Fale-me sobre o João.

(i)B: O João tá namorando uma menina<sub>1</sub> do interior. Ele conheceu essa menina<sub>1</sub> na universidade.

(ii)B: O João tá namorando uma menina<sub>1</sub> do interior. Essa menina<sub>1</sub>, ele conheceu t<sub>1</sub> na universidade.

(iii)B: O João tá namorando uma menina<sub>1</sub> do interior. Essa menina<sub>1</sub>, ele conheceu ela na universidade.

As três possibilidades são adequadas no PB. No entanto, se é possível a resposta em (i), nossa questão é investigar porque o falante a opta por respostas como (ii) e (iii). Basicamente, esta pesquisa busca responder às seguintes perguntas: i) Quais restrições semânticas e pragmáticas que existem em sentenças em que o tópico ou foco da sentença seja movido? ii) O que leva o falante a optar por uma sentença com o sintagma movido? iii) Em quais contextos este tipo de estrutura é melhor empregado? iv) Quais implicaturas são geradas a partir destes contextos?

Serão observados os tipos de relação que o sintagma deslocado estabelece com o discurso. Ele pode ser um tópico contínuo (ERTESCHIK-SHIR; 2007), em que o sintagma na função de tópico já tinha esta função no discurso antes do pronunciamento da sentença. Pode ser ainda, um contexto de tópico mudado (ERTESCHIK-SHIR; 2007), no qual o sintagma deslocado assume a função de tópico na sentença em questão após ser lançado no discurso como foco.

Nossa hipótese é que, ao deslocar o sintagma para a periferia esquerda, o falante gera implicaturas (cf. GRICE, 1979). É necessário haver um contexto de contraste para que seja possível ocorrer deslocamento. Nossa proposta é apresentar uma estrutura formal generalizada para estes tipos de sentença e implicaturas.



## ALAGOANOS EM SÃO PAULO E A CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO

Fernando Gomes da Silva (CNPq)  
fernandog@gmail.com

Este trabalho analisa, de acordo com as premissas teóricas e metodológicas da Sociolinguística Variacionista, como se dá a concordância nominal de número (CN) na fala de alagoanos estabelecidos na cidade de São Paulo, em comparação com a fala de paulistanos. A análise multivariada é feita com as ocorrências de sintagmas nominais simples formados por dois elementos, como “as pessoas/s/ø”.

O objetivo principal é verificar quais são os fatores linguísticos e sociais que concorrem para a realização da CN nesses dois subgrupos. Os dados foram extraídos de 24 entrevistas sociolinguísticas com paulistanos e 24 com alagoanos que vivem na capital paulista. Ambas subamostras são definidas pelas mesmas variáveis sociais: sexo/gênero (masculino e feminino), faixas etária (20 a 34, 35 a 59 e 60 anos ou mais) e escolaridade (Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior).

Os resultados indicam que a taxa de não realização de concordância entre alagoanos e paulistanos é praticamente a mesma. Em ambas as subamostras, as mulheres são as mais sensíveis à variante de prestígio; no entanto, as alagoanas apresentam percentual um pouco maior de não concordância (23%) do que as paulistanas (17%). Não há indicativo de mudança em progresso: em ambos os subgrupos, a segunda faixa etária é a que mais frequentemente emprega a concordância. Já para escolaridade, a frequência de não realização entre os dois grupos não é estatisticamente significativa. Este trabalho discute, então, as distinções e semelhanças entre os dois subgrupos na cidade de São Paulo, no que diz respeito à CN. Além dos fatores sociais, as análises verificam se paulistanos e alagoanos se assemelham também no que toca a fatores linguísticos correlacionados às variantes dessa variável.

## A VOCALIZAÇÃO DA CONSOANTE LATERAL: UM BREVE ESTUDO SOBRE A DIACRONIA DESTE PROCESSO EM FRANCÊS E OUTRAS LÍNGUAS EUROPEIAS.

Henrique Martins de Moraes  
henriquemmoraes@usp.br

Uma breve análise do contraste entre a forma ortográfica e a pronúncia de palavras do português

brasileiro como “mal”, “tal”, “alternativa”, revela um fenômeno curioso que se desenvolveu ou se desenvolve historicamente em várias línguas europeias: a vocalização da consoante lateral em determinadas posições dentro da sílaba. Na minha dissertação de mestrado eu pesquisei esse fenômeno de forma específica no francês medieval, onde nos textos ocorre, desde o século nono até o décimo terceiro, uma lenta tomada de consciência dos falantes sobre isso e a ortografia foi acompanhando o processo, como em *altre* > *autre*, *halt* > *haut*, *chastel* > *chateau*. Nessa comunicação eu vou tratar do fenômeno não apenas no francês antigo como também no português, holandês, em dialetos do inglês e em outras línguas, fazendo referências a estudos de outros autores sobre esta vocalização, do ponto de vista histórico e sócio linguístico. Vou analisar as posições dentro da sílaba onde isso ocorre e a ligação entre a velarização da lateral e a sua vocalização, sob uma perspectiva diacrônica. Também vou apresentar hipóteses do ponto de vista articulatório e acústico que ajudem a explicar a passagem da consoante para a vogal bem como analisar como diferentes autores usaram determinadas teorias linguísticas, como o gerativismo, para tentar explicar o fenômeno da vocalização.

## ORAÇÕES SUBORDINADAS RELATIVAS VERSUS ADVERBIAIS EM KARITIANA

Ivan Rocha (FAPESP)  
rocha.i@usp.br

O objetivo da apresentação é discutir e avaliar a adoção de uma análise em que a oração relativa é um adjunto do núcleo (cf. ALEXIADOU et al., 2000), para as construções relativas da língua karitiana (Tupi-Arikém; cf. RODRIGUES, 2002), contrapondo-as às orações subordinadas adverbiais. Além disso, temos como meta mostrar um teste morfossintático utilizando-se de morfologia específica para diferenciar esses dois tipos de orações subordinadas.

(1) I saw [NÚCLEO the soldiers] [ADJUNTO that lost the war

A metodologia utilizada no trabalho foi a elicitación controlada, experimentação com o uso de desenhos e tradução elicitada. Além disso, utilizaremos dados extraídos de narrativas míticas da língua. Mostraremos que essa análise é inapropriada para o karitiana por três motivos. Primeiramente, Storto (1999) observou que o núcleo recebe o caso atribuído pelo verbo dentro da oração encaixada e não aquele exigido pela matriz: o verbo *so'oot* exige um argumento interno marcado com o morfema oblíquo {-ty}.

Se houvesse um núcleo externo à relativa como (1), ele não estaria em nenhum momento da derivação em uma configuração de atribuição de caso com o verbo dentro da oração encaixada. Outro contra-argumento se baseia no morfema {-t}, que marca outras orações adjuntas na língua. Sua presença é agramatical em relativas, indicando que elas não podem ser consideradas um adjunto. A obrigatoriedade do morfema {-t} em orações adjuntas é confirmada pelos testes de Rocha (em prep), pois a ausência desse morfema torna uma subordinada adverbial agramatical. Em suma, os fatos nos mostram que (i) a oração relativa da língua não tem morfologia de adjunto e (ii) uma estrutura como (1) não é capaz de explicar a marcação de caso e a distribuição do núcleo da relativa. Dessa forma, argumentaremos que uma análise de adjunção como (1) não pode ser aplicada às relativas da língua Karitiana.

## AS CLASSES VERBAIS DA LÍNGUA DÂW

Jéssica Clementino da Costa (FAPESP)  
jessica.cc@usp.br

Neste trabalho, apresentamos nossa proposta de reclassificação das classes verbais da língua Dâw. Martins (2004) classifica os verbos em Dâw em nove classes verbais, a saber: verbos ativos intransitivos, transitivos e bitransitivos; verbos de processo, verbos estativos equativos identificacionais e existenciais; verbos estativos descritivos atributivos, qualificativos e posicionais. Por meio de testes linguísticos variados, incluindo alternância de valência e julgamento de (a)gramaticalidade, mostramos que é possível simplificar essa classificação de Martins (2004) e reagrupar esses verbos em três classes verbais de acordo com a valência do verbo, a saber: classe dos verbos intransitivos (verbos intransitivos de processo, estativos equativos (e suas subclasses) e estativos descritivos (e suas subclasses)); classe dos verbos transitivos e classe dos verbos bitransitivos.

Cada classe verbal apresentada mostrou padrões sintáticos e morfológicos específicos que nos possibilitou realizar essa reclassificação. De modo geral, verbos intransitivos não podem ser predicados de sentenças reflexivas e não ocorrem com morfema de aspecto pontual dâr, mas ocorrem com o morfema de aspecto durativo xâd. É possível identificar uma subclasse de verbos alternantes — isto é, que alternam livremente entre uma forma incoativa e causativa — e verbos não-alternantes. Além disso, os predicados analisados por Martins (2004) como verbos estativos descritivos são adjetivos na língua. A verbalização do sintagma adjetival ocorre por meio de uma cópula (râm 'ficar') que toma como complemento o adjetivo. Todos os verbos podem ser causativizados pelos causativizadores dô 'fazer' e waay 'mandar'.

Verbos transitivos podem formar sentenças reflexivas, ocorrem com o dâr, mas não ocorrem com xâd. Não há restrições quanto à causativização dessa classe com dô e waay. O único verbo bitransitivo em Dâw encontrado nesse trabalho foi o verbo não 'dar'. Os outros verbos bitransitivos apresentados em Martins (2004) não foram identificados e nem produzidos pelos falantes testados. Não 'dar' pode ser causativizador apenas por waay, mas não por dô.

## A FORMA DE VIDA EM WITTGENSTEIN E A TEORIA DO CORPOREAMENTO DA LINGUÍSTICA COGNITIVA

Joana Bortolini Franco (FAPESP)  
joanabfranco@gmail.com

A filosofia de Wittgenstein é citada como referência para a concepção de significado sustentada pela linguística cognitiva, mas as relações entre suas posições são pouco investigadas. Nesta apresentação, mostrarei como a noção de forma de vida pode ser colocada em paralelo com a teoria do corporeamento de Lakoff e Johnson, argumentando que ela deve receber atenção no diálogo com Wittgenstein.

A linguística cognitiva assume, de acordo com a teoria do corporeamento, que o significado emerge e se estrutura a partir da experiência com o corpo, de modo que ele não pode ser definido como a possibilidade de correspondência com uma realidade objetiva independente da cognição humana. Não há uma ordem objetiva que determina a estrutura e conteúdo dos sistemas conceituais, mas eles não são plenamente aleatórios. Como os seres humanos têm uma mesma conformação biológica, há um limite para as variações dos sistemas conceituais, determinado pelas características biológicas e psicológicas do corpo humano.

Wittgenstein argumenta contra a tendência de investigar a linguagem sob o pressuposto de que ela espelha uma estrutura pré-existente na realidade. Ele defende que a linguagem é constituída por jogos-de-linguagem, regidos por regras convencionais. Essas regras não são, no entanto, estabelecidas no vácuo; a noção de forma de vida fundamenta os jogos-de-linguagem em modos de agir, interagir e proceder característicos do ser humano. Trata-se de um fundamento dinâmico que não pode receber uma descrição definitiva, mas que, ao contrário, afasta a necessidade de buscar por uma estrutura última que explicasse todos os possíveis usos da linguagem.

A função da forma de vida em Wittgenstein pode ser colocada em paralelo à que o corpo tem na teoria do corporeamento. Ela é responsável por afastar de vez a necessidade de busca por um fundamento para a linguagem, relativizando os jogos-de-linguagem, ao mesmo tempo em que

coloca um limite universal além do qual os jogos-de-linguagem não podem variar: a forma de vida humana.

## NARRATIVA SINALIZADA E O USO DE DEMONSTRAÇÕES

João Paulo da Silva (CNPq)  
jpaulos@usp.br

A contação presencial de histórias é um dos tipos de atividade linguística mais comuns que realizamos: desde os enunciados mais simples, usados na descrição de eventos cotidianos triviais (e.g. eu vi você ontem), até histórias mais extensas e elaboradas, as narrativas fazem parte de todas as nossas interações comunicativas. Durante as histórias que contamos, é comum que usemos gestos de diferentes tipos para demonstrar aspectos daquilo que estamos falando: ações de personagens da história, a localização de entidades no espaço da história, características de objetos, dentre outros. Nesse sentido, a demonstração é entendida como uma estratégia narrativa de discursos presencialmente elaborados, que consiste em usar elementos como o corpo e o espaço ao seu redor para representar iconicamente aspectos da história que está sendo contada (CLARK; GERRIG 1990; CLARK 1996; DUDIS 2007).

O objetivo deste trabalho é analisar como as demonstrações são elaboradas em uma narrativa contada em língua de sinais brasileira (libras). Mais especificamente, tomando como base a ideia de McCleary e Viotti (2010, 2011) de que os níveis de intersubjetividade narrativa (níveis do narrador e das personagens) são expressos em narrativas sinalizadas por marcas corporais (como a postura do corpo, expressões corporais e faciais e a direção do olhar), observo como os diferentes tipos de demonstração são elaborados nessa narrativa, como eles contribuem para a significação no discurso e quais são as pistas que permitem reconhecer as ocorrências de demonstração como pertencendo ao nível do narrador ou das personagens. A análise dos trechos apresentados será feita a partir da observação da narrativa “Bolinha de Ping Pong”, de Rimar Segala, disponível no site do Youtube, transcrita no ELAN segundo o modelo de transcrição de dados sinalizados proposto por McCleary, Viotti e Leite (2010).

## OS METATERMOS “VOZ” E “LETRA” EM GRAMÁTICAS PORTUGUESAS DO SÉCULO XIX

Julia de Crudis Rodrigues (CAPES)  
juliacrudis@gmail.com

O estudo da metalinguagem utilizada por gramáticos portugueses do século XIX para descrever aspectos fonéticos, fonológicos e ortográficos da língua portuguesa permitiu que chegássemos a alguns metatermos-chave para a compreensão dessas descrições linguísticas, tais como “letra”, “som”, “voz”, “vogal” e “consoante”. Temos buscado nos aproximar das concepções e análises propostas pelos seguintes gramáticos oitocentistas: Couto e Melo (1818), Soares Barbosa (1822), Constancio (1831), Caldas Aulete (1864) e Coelho (1868 e 1891). Nosso estudo tem como base a metodologia proposta por Swiggers (2010), que visa analisar os metatermos de uma obra ou de período a partir de sete parâmetros clássicos: 1) o conteúdo, 2) a incidência, 3) a marca “heurística”, 4) a marca teórica, 5) a marca disciplinar, 6) a marca macro-científica e 7) a marca cultural dos metatermos. Acreditamos que ao analisar os metatermos mencionados a partir destes parâmetros será possível traçar uma rede terminológica mais ou menos usual do período que nos aproximará do que estes autores compreendiam sobre os estudos dos sons no século dezenove. Para esta apresentação, pretendemos expor os conceitos de “letra” e de “voz” presentes nestas obras. Estes são dois metatermos que têm acompanhado a tradição gramatical portuguesa desde o seu início, no século XVI, com as gramáticas de Fernão de Oliveira (1536) e de João de Barros (1540) e com a ortografia de Nunes de Leão (1576). Notamos, porém, que o uso desses metatermos, bem como as definições a eles conferidas através dos séculos, foram sendo, ainda que pouco, modificados pelas gerações gramaticais posteriores. Exporemos, assim, uma organização dos conceitos e definições a que chegaram os gramáticos oitocentistas no que diz respeito a “voz” e “letra”, metatermos sempre recuperados pela tradição gramatical portuguesa.

## POR QUE O DINAMARQUÊS É UMA LÍNGUA TÃO COMPLICADA? PROCESSOS DE ENFRAQUECIMENTO CONSONANTAL NA LÍNGUA DINAMARQUESA

Júlia Sales Paez Fernandez (CAPES)  
julia.fernandez@usp.br

O intuito deste trabalho é compreender como se dá o enfraquecimento de consoantes em determinados contextos da língua dinamarquesa, a partir do modelo de fonologia articulatória (BROWMAN; GOLDSTEIN, 1995), tendo como principal pista na transcrição dos gestos articulatórios, o sinal acústico. É também parte desta pesquisa, tentar mapear as consequências destes enfraquecimentos e buscar o porquê de avaliações, muitas vezes negativas, dadas pelos falantes na relação de comunicação entre escandinavos de países continentais – dinamarqueses, suecos e noruegueses -, partindo aqui do trabalho comparativo de Goskens (2011). Para a primeira parte da pesquisa, estão sendo obtidas gravações de falantes nativos que irão compor o corpus de análise acústico-articulatória e que será contrastado com os dados coletados anteriormente em dicionários de pronúncia de dinamarquês standard e com o corpus DanPASS - Danish phonetically annotated spontaneous speech corpus - projeto de Grønnum (2009). Já para a segunda parte, estão sendo selecionados diferentes corpora previamente descritos de fala sueca e norueguesa a fim de poder ser estudada e comparada a relação de redução e de distância entre essas duas línguas e a língua dinamarquesa, para isso será utilizado o modelo teórico de distância dialetal, a distância de Levenshtein (KESSLER, 1995), tendo como principal base metodológica o trabalho de comparação entre dialetos holandeses e noruegueses feito por Heeringa (2004).

## DESCRIÇÃO SEMÂNTICA DE UMA NARRATIVA EM ESPANHOL ANDINO COLOMBIANO

Juliana Ángel-Osorno (CAPES)  
jangelosorno@usp.br

O objetivo geral da pesquisa é descrever a estrutura semântica de uma narrativa em espanhol andino colombiano, a partir da Teoria de Espaços Mentais proposta por Gilles Fauconnier (1997). Atenção especial será dada às estruturas relacionadas a tempo, aspecto e modo. A narrativa faz parte de um corpus de entrevistas etnográficas recolhidas por Valentina Arango Villalón em 2011, na Reserva Indígena de Pastás, no Município de Aldana, que se encontra no Departamento de Nariño, na fronteira da Colômbia com o Equador. Na gravação, o entrevistado – homem, na faixa dos 60 a 70 anos, natural de Aldana – responde questões, feitas por três estudantes e um conterrâneo, sobre mitologia e crenças, sobre o método de plantação tradicional e sobre os poderes das plantas medicinais. A narrativa, de aproximadamente 38 minutos de duração, será transcrita no software ELAN, desenvolvido pelo Max Planck Institute for Psycholinguistics, seguindo a proposta de Chafe (1980) de segmentação do fluxo da fala em unidades entoacionais. Uma vez feita a transcrição, os dados serão analisados seguindo a propostas de Buszard (2003) e Tenuta (2006)

para análise de narrativas e conversas, e a de Doiz-Bienzobas (1995) para a análise do pretérito perfeito e imperfeito no espanhol. A pesquisa pretende contribuir para o estudo do espanhol andino colombiano, variedade que tem sido pouco estudada, especialmente quando comparada com as variedades andinas do espanhol boliviano, equatoriano e peruano, e com os estudos de outras variedades faladas na Colômbia.

## ORAÇÕES RELATIVAS EM KARITIANA

Karin Camolese Vivanco (FAPESP)  
karin\_c\_v@hotmail.com

O objetivo dessa pesquisa é clarificar o estatuto das orações relativas do karitiana (Tupi-Arikém). As relativas são classificadas como relativas de núcleo externo (RNE) ou de núcleo interno (RNI) a partir de dois critérios: (1) a posição do núcleo (o NP relativizado) em relação à oração relativa e (2) a marcação de caso do núcleo. De acordo com o primeiro critério, relativas com o núcleo adjacente à oração subordinada são classificadas como RNEs, enquanto aquelas com o núcleo interno à subordinada são RNIs (CULY, 1990). O segundo critério distingue essas construções a partir do caso morfológico presente no núcleo: se for aquele exigido pelo verbo da matriz, a relativa será uma RNE; se for aquele exigido pelo verbo dentro da relativa, ela será uma RNI (COLE, 1987). Dentro desse quadro, as relativas do karitiana são difíceis de classificar, pois pelo critério (1) elas seriam RNEs e por (2) elas seriam RNIs (STORTO, 1999). Contudo, diversas línguas do mundo têm relativas com esse mesmo comportamento e, nesses casos, elas são classificadas como RNIs por poderem ter opcionalmente seus núcleos em posições internas à subordinada (BASILICO, 1996). Nossa hipótese é de que, à semelhança dessas línguas, as relativas do karitiana também seriam RNIs. Elaboramos então um experimento para verificar se as relativas poderiam ter seus núcleos em posições internas à subordinada. Testamos 15 falantes com uma metodologia de produção eliciada, na qual eles escolheriam entre duas figuras e diriam qual foi a escolhida. Os resultados mostraram que núcleos internos à oração relativa são permitidos na língua, pois eles foram produzidos por diversos sujeitos em nosso experimento. As relativas do karitiana seriam então similares às das línguas descritas acima, que admitem opcionalmente núcleos internos à subordinada. Assim, as construções relativas do karitiana poderiam ser igualmente consideradas RNIs, resolvendo o problema tipológico exposto acima.



## NÚCLEOS FUNCIONAIS E ADJUNTOS: UMA ANÁLISE SINTÁTICA DOS INTENSIFICADORES DE GRAU NO GUARANI PARAGUAIO

Lara Frutos (CAPES)  
larafrutos@usp.br

O presente trabalho visa investigar o comportamento dos intensificadores de grau 'ite', 'iterei' e 'rasa' do Guarani Paraguaio discutindo a proposta de classificação de modificadores de grau presente em Neeleman et al. (2004) e McNabb (2012). Os modificadores de grau apresentam a seguinte distribuição:

- |     |     |         |  |
|-----|-----|---------|--|
| (1) | Pe  | criança | i-porã-ite                             |
|     | DEM | criança | 3-bonito-ITE                           |
|     |     |         | 'Esta criança é muito bonita'          |
| (2) | Pe  | criança | i-porã-ite-rei                         |
|     | DEM | criança | 3-bonito-ITE-REI                       |
|     |     |         | 'Esta criança é muitíssimo bonita'     |
| (3) | Pe  | criança | i-porã rasa                            |
|     | DEM | criança | 3-bonito rasa                          |
|     |     |         | 'Esta criança é demasiadamente bonita' |

Os exemplos acima mostram que os modificadores podem co-ocorrer e que são responsáveis por intensificar o grau de beleza dado pelo adjetivo porã 'bonito'. Embora esses modificadores de grau tenham uma função semântica similar na língua - a de intensificar o grau da escala dado pelo significado do adjetivo - suas categorias sintáticas parecem ser diferentes

Neeleman et al. (2004) sugere a classificação dos morfemas de grau em duas categorias distintas, tendo como base seu comportamento sintático. Alguns são núcleos de projeção de grau (classe-1); outros serão considerados adjuntos (classe-2).

Observou-se a partir de testes que tanto 'rasa' como 'ite' comportam-se de maneira semelhante a modificadores de Classe-1, ou seja, têm comportamento sintático bastante restrito, pois i) não podem se concatenar com expressões preposicionais, verbais e nominais; ii) não apresentam estrutura interna e iii) aparecem apenas com predicados graduáveis. Além disso, necessariamente precisam suceder AP, não podem ser topicalizados e também bloqueiam a topicalização do predicado

graduável.

Já 'iterei' apresenta comportamento sintático mais livre: combina-se a expressões verbais e tem estrutura interna, sendo formado de 'ite+rei'. No entanto, em relação à questões de ordem e movimento, mantém as mesmas características 'rasa'. Trataremos 'iterei' como um modificador de grau complexo como 'very much', em que 'much', faz com que o modificador deixe a posição de núcleo de DegP e mova-se para adjunto de AP.

## SIGNIFICADOS SOCIAIS DE /-R/ EM SÃO PAULO

Larissa Grasiela Mendes Soriano (CPNq)  
larissa.soriano@gmail.com

De acordo com os pressupostos teórico-metodológicos da terceira onda da Sociolinguística (LABOV 1966 (2006); ECKERT, 2008) esta pesquisa enfoca as percepções dos moradores da cidade de São Paulo a respeito das pronúncias tepe e retroflexa do /-r/ em coda silábica. Para isso, serão realizados testes de percepção (CAMPBELL-KIBLER, 2005, 2007, 2009) divididos em quatro etapas: (i) análise do discurso de falantes nativos (coletados em entrevistas sociolinguísticas) acerca dos significados sociais de (-r); (ii) seleção de excertos de fala e manipulação digital da variável; (iii) realização de entrevistas abertas, com grupos de falantes, acerca de suas percepções a respeito dos estímulos; (iv) aplicação de questionários de percepção, pessoalmente e pela Internet. Este trabalho delimita-se pela primeira dessas etapas, cujo objetivo é analisar 30 entrevistas sociolinguísticas com paulistanos de diferentes perfis, com vistas às suas percepções acerca de (-r), a fim de verificar as recorrências de discursos e opiniões a respeito das variantes e as identidades sociais a elas ligadas.

A partir de testes de percepção sobre essa variável realizados por Oushiro (2011) e Mendes e Oushiro (2011) (concentrados em 24 jovens universitários paulistanos), esta pesquisa expande o escopo para moradores não nascidos na cidade de São Paulo, para diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade. Com isso, busca verificar se os resultados dos trabalhos anteriores se mantêm e se os significados sociais associados às variantes diferem em subgrupos sociais, sobretudo de acordo com a região da cidade (centro e periferia). Essa distinção se revelou produtiva, uma vez que há evidências de movimentos divergentes na produção dessas variantes entre os jovens das duas regiões (MENDES; OUSHIRO, 2013). Assim, busca-se investigar também se as identidades associadas às variantes correspondem aos usos e quais as correlações existentes entre produção e percepção.

## O ENCAIXAMENTO DE MÚLTIPLAS VARIÁVEIS SOCIOLINGÜÍSTICAS NA COMUNIDADE PAULISTANA

Livia Oushiro (FAPESP)  
livia.oushiro@usp.br

Os estudos sociolinguísticos frequentemente revelam padrões similares de estratificação social e estilística. A partir do construto de comunidade de fala (BLOOMFIELD, 1933; LABOV, 1972), geralmente se assume que os falantes se agrupam em socioletos internamente coerentes, de modo que indivíduos que tendem a empregar a variante não-padrão de uma variável (p.ex. “os menino-*o*” para a concordância nominal) também tendem a empregar as variantes não-padrão de outras (p.ex. “eles foi” para a concordância verbal). O presente estudo questiona essa suposição através das seguintes perguntas: (i) quais variáveis sociolinguísticas covariam?; e (ii) quando há covariação, ela é melhor explicada como indicadora da coerência social de uma variedade linguística, ou como consequência de fatores estruturais?

Essas questões são examinadas numa amostra com 118 falantes paulistanos, através da análise de covariação entre seis variáveis – (i) a pronúncia de /e/ nasal (“fazenda”) como monotongo ou ditongo; (ii) a realização vs. apagamento de /r/ em coda silábica (“mulher”); (iii) a realização de /-r/ como tepe ou retroflexo; (iv) a concordância nominal (“as meninas/menina”); (v) a concordância verbal de 1PP (“nós foi/fomos”); e (vi) a concordância verbal de 3PP (“eles foi/foram”). Realizaram-se inicialmente análises multivariadas com cada uma das variáveis no programa Rbrul (BAAYEN, 2008). Com base nas tendências de uso de cada falante para as variantes não-padrão, calcularam-se coeficientes de correlação de Pearson ( $r$ ) para cada par de variáveis. Os resultados mostram que, embora haja uma forte tendência à covariação entre pares de variáveis sociolinguísticas estruturalmente relacionadas (p.ex., concordâncias de 1PP e 3PP), fatores internos não dão conta de explicar todos os casos (p.ex., a covariação entre a realização de /r/ e concordância nominal). Demonstra-se, então, que a covariação também depende fundamentalmente do valor social das variantes na comunidade.

## FISIONOMIA E VARIAÇÕES TIMBRÍSTICAS: ESTUDO DE CASO DO ÁLBUM “MÚSICA DE BRINQUEDO”

Lucas Takeo Shimoda (CNPq)  
lucas.shimoda@yahoo.de

Tradicionalmente, a abordagem praticada pela semiótica da Escola de Paris (GREIMAS; COURTÉS, 2008) busca trabalhar no âmbito da forma, esta entendida como o conjunto de regularidades e invariâncias abstraídas de um determinado conjunto de textos. Seguindo as premissas teóricas e metodológicas herdadas de L. Hjelmslev (2006), é possível prever, contudo, um espaço para o estudo dos efeitos de sentido criados pela variabilidade observada no âmbito da substância. Assumindo essa possibilidade como ponto de partida, o presente trabalho analisa quais são os efeitos de sentido criados pelo tratamento do timbre no álbum intitulado “Música de Brinquedo” da banda Pato Fu. O viés analítico escolhido se justifica sobre o pano de fundo teórico da Semiótica da Canção, conforme arquitetada por Luiz Tatit (1994, 2002, 2004, 2007). Dentro desse referencial, a identidade formal da canção é delimitada pela unidade constituída na relação entre letra e melodia. Daí decorre que todos os outros elementos devem ser considerados como variações substanciais – como é o caso do timbre. Por se tratar de um disco de regravações, a análise do álbum “Música de Brinquedo” foi seccionada em duas etapas distintas. Na primeira, comparamos o inventário timbrístico da versão rearranjada com aquele verificado no arranjo original. Na segunda, comparamos o inventário timbrístico das canções rearranjadas entre si. Nesse momento, procuramos deslindar convergências entre as variações depreendidas na primeira etapa da análise. Quatro tendências dominantes foram observadas: (i) dissolução e dispersão das famílias tímbricas, (ii) a redução das durações de notas e acordes sustentados, (iii) o alçamento em direção aos registros agudos e (iv) a atenuação das potências sonoras. Esse conjunto de efeitos gerado pela variação timbrística do álbum pode ser submetida a uma interpretação em termos de fisionomia conotativa lançando mão das ferramentas tensivas conforme trabalhadas mais recentemente pelo semiótico Claude Zilberberg (2004, 2006a, 2006b, 2011).

## TÉCNICAS DIDÁTICAS DE FERDINAND DE SAUSSURE NO PRIMEIRO CURSO DE LINGÜÍSTICA GERAL

Lygia Rachel Testa Torelli (CNPq-CAPES)  
lygia.torelli@usp

No âmbito da Historiografia Linguística, nossa pesquisa de mestrado investiga a atividade docente de Ferdinand de Saussure (1857-1913), no momento em que o linguista passou a ministrar a disciplina Linguística Geral, em 1907, na Universidade de Genebra. Nosso corpus abrange anotações de aula de Albert Riedlinger, a propósito de fonologia e analogia, editadas como Primeiro Curso de Linguística Geral. Inspirando-nos de estudo de Pierre Swiggers (1990) sobre o modelo,

objetos e análises na história e na historiografia do ensino da língua francesa, buscamos detectar e classificar, no texto estudado, o que convimos chamar “ocorrências”, como esquemas, exemplos, comparações, perguntas retóricas, entre outras, no intuito de poder construir uma tipologia de “técnicas didáticas” que emanam de Saussure e são filtradas por um dos alunos. Embora possamos tratar separadamente as funções de pensador e de professor em Saussure, custa-nos crer que uma atividade não repercute na outra em termos de conceitualização teórica. Assumimos que a atividade de lecionar um programa, no caso, de Linguística Geral, impacta, para o professor, na maneira como encara a própria disciplina. No caso de Saussure, que preparava justamente um livro sobre a disciplina que ministrava, será que (a) as metamorfoses da “didática” da Linguística Geral e (b) as metamorfoses dos conceitos que são objeto de investigação da Linguística Geral seguem um mesmo padrão de desenvolvimento?

## UM ESTUDO SEMIÓTICO DA POLIFONIA BAKHTINIANA: OS ROMANCES DE FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

Marcos Rogério Martins Costa (CNPq)  
marcosrmcosta15@gmail.com

A semiótica de linha francesa tem como objetivo o estudo das relações de significação em suas diferentes manifestações (textuais e discursivas) e em seus diversos percursos sócio-históricos. É pertinente a teoria e metodologia semiótica para se compreender o texto literário porque, dentro dessa proposta científica, pensamos o signo linguístico aquém e além de sua correlação entre plano da expressão e plano do conteúdo (DISCINI, 2013), uma vez que depreendemos as diversas estratégias do enunciador em sua relação com o enunciatário (BARROS, 1992). Outrossim, conforme Greimas (1972) pontua, o efeito de sentido surge, no discurso poético, como um efeito de sentidos. Desse modo, é pertinente voltarmos para o estudo mais escrupuloso do texto literário. Compreendendo isso, selecionamos para análise os romances dostoiévskianos *Crime e castigo* e *Um jogador*, com o propósito de operacionalizar o conceito bakhtiniano de polifonia, segundo o qual, no gênero romance polifônico, pode-se apreender uma multiplicidade de vozes imiscíveis, independentes e equipolentes. Para isso, entendemos a polifonia como uma estratégia discursiva do enunciador Dostoiévski para gerar diferentes efeitos de sentidos, os quais analisaremos a partir de três mecanismos discursivos, a saber: (i) a (inter)independência dos atores do enunciado em relação ao ator da enunciação; (ii) a imiscibilidade das vozes dos atores do enunciado; (iii) a multiplicidade de vozes em um mesmo enunciado em relação polêmica. Ressaltada o nosso ponto de vista semiótico e a pertinência de observarmos as contribuições dos textos literários, podemos dizer que estudar o

fenômeno da discursivização do conceito de polifonia é uma tentativa de operacionalizarmos uma acepção teórica que vem sendo (re)pensada desde a sua primeira publicação em *Problemas da obra de Dostoiévski*, em 1929. O que contribui tanto para o arsenal teórico da semiótica francesa quanto para a filosofia bakhtiniana – conservada a epistemologia que sustenta cada uma das teorias.

## FREQUÊNCIA LEXICAL E A PRONÚNCIA VARIÁVEL DE /-R/ EM ITANHANDU

Mariane Esteves Bieler da Silva (CAPES)  
maribieler@gmail.com

Com base nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2006; 1972; 1999; 2001; 2010) e da Teoria dos Exemplos (PIERREHUMBERT, 2001a, 2001b; BYBEE, 2000), este trabalho objetiva analisar a correlação entre a pronúncia de (-r) em coda silábica em Itanhandu e a frequência de uso da palavra em que tal elemento linguístico se realiza.

Itanhandu é uma pequena cidade mineira localizada na região de divisa entre os estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Por isso, congrega características sociais e linguísticas dos três estados. Segundo Bieler (2012), a fala itanhanduense revela pronúncias do /-r/ como tepe e aspirada, ainda que numa frequência bastante inferior à retroflexa (4.1% de 6.251 casos). Apesar de pequena, essa taxa é socialmente significativa.

Numa aproximação entre a Sociolinguística Variacionista e a Teoria dos Exemplos, realizou-se uma análise quantitativa dos dados de 12 entrevistas sociolinguísticas com itanhanduenses nativos, com vistas a verificar a correlação entre a ocorrência das pronúncias tepe e aspirada e a frequência de uso das palavras. O grupo “Frequência Lexical” foi organizado em dois fatores: palavras que ocorreram até 21 vezes no conjunto de dados versus palavras que ocorreram 22 vezes ou mais.

Os resultados mostram que a ocorrência de aspirados e tepes é mais prevalente em palavras mais frequentes, como porque e por. A explicação para esse fato parte do entendimento de que palavras mais frequentes encontram-se em níveis de ativação mais altos na memória, o que faz com elas sejam mais facilmente acessadas e utilizadas na produção cotidiana (GOLGINGER, 1996; DAHAN et al, 2001; ABRAMOWICZ, 2007). Parece ser esta uma das vias de “inserção” dessas variantes tipicamente paulistas e cariocas no falar de uma comunidade tipicamente sul-mineira, marcado pela pronúncia retroflexa de /-r/.

## AÍ, DAÍ E ENTÃO: JUNTIVOS E MARCADORES DISCURSIVOS

Marília Vieira (CAPES)  
vieirasmarilia@gmail.com

Com dados de 48 entrevistas sociolinguísticas realizadas em Campo Grande (MS) e São Paulo (SP), analisa-se o uso variável de *aí*, *daí* e *então* como articuladores de orações. A partir dos postulados de Traugott e Heine (1991) acerca da gramaticalização de operadores argumentativos, pressupõe-se que tais elementos tenham percorrido o trajeto espaço > (tempo) > texto e tenham alcançado um estágio posterior – o do discurso. Assim, *aí*, *daí* e *então* atuam como advérbios, como conectores e partículas anafóricas. Nos termos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2001), este trabalho discute a intercambialidade desses itens em um envelope de variação caracterizado pelos subconjuntos de dados:

- 1) Sequenciação ordenativa (“a gente conversou um pouquinho... *aí/ daí/então*... ele falou ‘*you are Brazilian né?*”);
- 2) Sequenciação não-ordenativa (“a gente saía fazia festinha *aí/ daí/então* era tudo rapaz solteiros todos tinham salário bom”);
- 3) Articulação de causa e efeito (“fui o primeiro neto o primeiro sobrinho... *aí/ daí/então* fui o mais paparicado”);
- 4) Repetição de tópico discursivo (“já fui pra Americana, mas só fui a trabalho, que teve uma feira, *né? aí/ daí/então* eu peguei e fui”);
- 5) Síntese (“acho que São Paulo tem muita contradição, *aí/ daí/então* é isso”).

Nos três primeiros subconjuntos, *aí*, *daí* e *então* atuam como juntivos; nos últimos dois, como marcadores discursivos. Quando comparados aos juntivos, os marcadores são formas mais gramaticalizadas, que têm menos mobilidade sintática e carga semântica enfraquecida. A definição de tal envelope de variação inclui a discussão de dados em que *aí*, *daí* e *então* revelam tanto características juntivas quanto discursivas, bem como os casos em que não são intercambiáveis entre si (quando funcionam como dêiticos). A discussão qualitativa desses dados visa a prepará-los para ulterior análise quantitativa, cujo objetivo principal é identificar convergências e divergências nos empregos pelos falantes das duas capitais.

## A PROSÓDIA NA DESAMBIGUIZAÇÃO DE SENTENÇAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: PISTAS DE DURAÇÃO E ENTOAÇÃO

Melanie Campilongo Angelo (CAPES)  
melanie.angelo@usp.br

Em busca de pistas fonológicas utilizadas por falantes para acessar estruturas sintáticas de sentenças, este trabalho visa resumir os aspectos entoacionais e duracionais observados em Angelo & Santos (2011, 2012) e Angelo (2013) e, assim, apresentar o primeiro draft de um experimento a ser realizado para as etapas posteriores do trabalho.

Magalhães e Maia (2006) observaram sentenças do PB em que ocorre ambiguidade sintática devido a presença de um atributo que pode se referir ao sujeito ou ao objeto da oração. Fonologicamente, tais leituras podem ser explicadas pelo fato de o atributo poder ou não se juntar a seu núcleo na construção do domínio da frase fonológica (NESPOR; VOGEL, 1996), e este mapeamento refletiria em diferenças estruturais, como exemplificado em (1):

(1) O pai visitou o filho feliz.

a) leitura: O filho estava feliz

[o pai Φ] [visitou Φ] [o filho Φ] [feliz Φ] >> [o pai Φ] [visitou Φ] [o filho feliz Φ]

b) leitura: O pai estava feliz.

[o pai Φ] [visitou Φ] [o filho Φ] [feliz Φ] >> \*[o pai Φ] [visitou Φ] [o filho feliz Φ]

Considerando-se que, para Nespore e Vogel (1986), os processos fonológicos ocorrem dentro de domínios prosódicos, os quais são construídos na interface com outros componentes gramaticais e que, na construção da frase fonológica é que se dá a interface fonologia-sintaxe, o que se esperaria é que houvesse diferenças de duração das sílabas onde poderia (ou não) haver reestruturação, assim como uma possível variação entoacional. Desta forma, os trabalhos de Angelo e Angelo & Santos (baseados na produção) serão considerados, de forma a buscar base para que um estudo de percepção seja desenvolvido, onde se colocará a questão: seriam os ouvintes capazes de distinguir as leituras ainda que com evidências aparentemente tão sutis encontradas nos testes de produção?



## MACEDO SOARES [1838 - 1905] E O CONTATO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO COM AS LÍNGUAS AFRICANAS EM ESTUDOS LEXICOGRAFICOS DO DIALETO BRASILEIRO (1943[1874-1890])

Patrícia de Souza Borges (CNPq)  
patricia.souza.borges@usp.br

Este trabalho tem por objetivo analisar o tratamento dado à questão do contato do Português Brasileiro (PB) com as línguas africanas por Antônio Joaquim de Macedo Soares [1838 - 1905] em Estudos Lexicográficos do Dialeto Brasileiro (1943[1874-1890]). Considerado como um dos primeiros a discutir a natureza do português brasileiro, a partir do contato com as línguas africanas, a obra de Macedo Soares é representativa dos estudos sobre o tema no Brasil. Analisamos a obra citada, a partir do conceito de 'programa de investigação', proposto por Swiggers (1981a, 1991a, 2004). Esse conceito permite destacar os aspectos relativos à natureza interna do trabalho linguístico, a partir dos seguintes parâmetros de análise: visão (visão de linguagem adotada, tipos de materiais de destaque e modos de conceber as relações entre linguagem e sociedade, linguagem e cultura, etc.), incidência (formas linguísticas de análise privilegiadas e a natureza e função preferencialmente atribuídas a essas formas) e técnica (conjunto de princípios e métodos adotados). Este trabalho é um recorte de nossa pesquisa de mestrado que tem por objetivos mapear e analisar a produção que investigou o contato entre o PB e as línguas africanas no Brasil e propor uma periodização internamente orientada para a história dessa produção, a partir da análise das fontes-objeto e da metodologia de estudos dos textos, principais aspectos criticados pelas retrospectivas históricas (BONVINI, 2009). O interesse por esse estudo se revela na medida em que a história dos estudos do contato do PB com as línguas africanas ainda não foi estabelecida, ainda que o tema tenha sido explorado com constância no território nacional desde o século XIX e se avolumado nas últimas décadas. É nossa intenção oferecer um panorama da tradição de estudos sobre o tratamento do contato do PB com as línguas africanas no Brasil destacando as diferentes 'fases' nessa história.

## O CLÍTICO 'SE' NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Paula Bauab Jorge (CAPES)  
paula.bauab.jorge@usp.br

Estudos apontam para o fato de que o clítico 'se' esteja caindo em desuso no português brasileiro

(PB). É interessante notar, entretanto, que tal supressão está sujeita a determinadas restrições, haja vista a permanência do clítico em certos contextos. O presente trabalho tem como objetivo investigar e explorar os contextos em que o 'se' é recorrente e aqueles dos quais ele vem sendo suprimido, bem como a relação desse fenômeno com os diferentes tipos e funções atribuídas ao clítico em sentenças do PB. Para isso, foram analisados dados de dois corpora de língua oral: (i) C-ORAL-BRASIL e (ii) Projeto SP2010: Amostra da fala paulistana. Esse fenômeno empírico foi tratado pelo viés da teoria gerativa, tomando como referencial teórico inicial textos clássicos, como o de Burzio (1986), que forneceu ferramentas para a identificação e distinção de alguns tipos de 'se' (como, por exemplo, reflexivo, ergativo, inerente reflexivo e impessoal). Além disso, buscou-se estabelecer um diálogo com a proposta de Kemmer (1994), no âmbito da gramática cognitiva, pelas contribuições que essa perspectiva traz quanto a aspectos como grau de distinção dos participantes e de elaboração dos eventos. Tal abordagem revela-se interessante principalmente no que concerne à distinção entre o 'se' médio e o reflexivo. Este trabalho constitui-se como uma primeira tentativa de análise dos dados tratados, visando a uma maior compreensão do comportamento do clítico, de suas propriedades sintáticas, bem como de sua inserção/supressão em determinados tipos de construções. Pretendeu-se, a partir desse delineamento, chegar a conclusões que possibilitem prever os contextos em que o clítico poderá ou não ocorrer, assim como aqueles dos quais ele será excluído. No entanto, faz-se necessária uma maior investigação a fim de que se obtenha um panorama mais completo e preciso desse fenômeno linguístico.

## ENUNCIADOS MODAIS REGENDO ENUNCIADOS DESCRITIVOS: UMA ESTRATÉGIA DO SUJEITO

Paula Martins de Souza (FAPESP)  
paulamartins@usp.br

No estágio atual de nossa pesquisa, notamos que a disposição modal dos sujeitos os caracteriza no que concerne a seu modo de se relacionar com o ambiente em que se inserem. Com base na segunda tópica freudiana, consideramos que os sujeitos semióticos seriam sempre manipulados por dois destinadores opostos, agonista e antagonista, responsáveis por doar as modalidades do querer e do poder por um lado e, por outro, do dever e do saber. Essas diferentes manipulações resultariam em um sujeito mais "extrovertido" ou mais "introvertido", ou seja, resultaria em egos mais propensos à pressão exercida pelo id ou pelo super-ego, nesta ordem. Evidentemente, as textualizações não manifestam apenas dicotomias tão didáticas. Então, temos percebido em alguns textos que determinados sujeitos, quando fortemente manipulados por uma das duas destinações

ao mesmo tempo em que necessitam de modalidades da destinação oposta, acabam utilizando uma certa estratégia para a obtenção das modalidades que lhe são interditas. Trata-se de reger as modalidades por serem adquiridas pelas modalidades que possui. Desse modo, esses sujeitos permanecem apenas com suas modalidades “permitidas” enquanto enunciados modais, regendo enunciados descritivos contendo as modalidades que lhe faltam. É dessa maneira que, por exemplo, um sujeito “introvertido”, portanto, detentor das modalidades do dever e do saber, poderia obter a modalidade poder fazer/ser”, isto é, obtendo uma “liberdade prescrita”.

## A CATEGORIA DE TEMPO EM TEXTOS DA LIBRAS: AS MARCAS DE PRESENTE, PASSADO E FUTURO

Renata Lúcia Moreira (CNPq)  
reka@usp.br

O objetivo deste trabalho é apresentar uma descrição das marcas de tempo em textos da língua de sinais brasileira (libras), feita no âmbito da teoria semiótica de linha francesa. As línguas de sinais, como o cinema, por exemplo, contam com mecanismos de enunciação próprios de sua natureza visual-gestual. Os verbos nessas línguas não apresentam flexão de tempo e nem sempre há, em seus textos, itens lexicais, como advérbios, que localizam o evento temporalmente. Embora não apresentem marcas morfológicas, essas línguas podem, a seu modo, contar histórias em diferentes tempos, e podem criar efeitos ilusórios de distância ou de proximidade temporal em seus discursos. Com a descrição que vem sendo realizada, foi possível levantar três hipóteses: (i) a de que a instauração do tempo, em libras, parece estar diretamente ligada à instauração de pessoa e de espaço; (ii) a de que certas marcas, como a posição do corpo e a direção do olhar do sinalizado, e os apontamentos e localizações no espaço de sinalização, relacionados a outras categorias do discurso, podem ser as manifestações da organização temporal e podem ser consideradas marcas de presente, passado ou futuro nesses textos, e (iii) a de que a forma como o narrador utiliza o seu corpo, os gestos e o espaço para organizar a história pode criar uma ilusão de agora ou de então, e pode neutralizar as diferenças entre tempo enunciativo e tempo enuncivo, gerando, por exemplo, um efeito de verdade, de uma ilusão enunciativa (nos termos de Greimas e Courtés, 2012), de que todas as cenas narradas estão no presente, ou um efeito de lembrança, de passado. Para realizar essa descrição do tempo em libras, os textos analisados vêm sendo transcritos em um software chamado ELAN (EUDICO Language Annotator), seguindo o sistema de transcrição desenvolvido por McCleary, Viotti & Leite (2010).

## TENSÃO E RELAXAMENTO NO VÍDEO “THE SPACE BETWEEN THE TEETH”, DE BILL VIOLA.

Ricardo Akira Sanoki (CAPES)  
rsanoki@hotmail.com

O trabalho de videoart de Bill Viola explora as relações entre a imagem eletrônica e o mundo físico, pensando a câmera como um ponto de vista e um ponto de consciência. Ele se interessa em como movimentar esse “ponto de consciência” através dos nossos corpos e das coisas do mundo, transformando a câmera no ar, virando a substância do tempo e da mente. Um de seus estudos é sobre a percepção e cognição humana, como o corpo se conecta com o mundo, e esse estudo o fez se aprofundar no som, utilizando em certos momentos o posicionamento da câmera e seu movimento baseado nos campos sonoros e não na imagem. Essa opção transforma a câmera em um tipo de microfone visual.

O vídeo *The space between the teeth* faz parte de uma série de quatro vídeos chamada “Four Songs”, onde o artista mostra a relação de seu trabalho com as estruturas musicais e poéticas do Romantismo. Ao analisarmos este vídeo utilizaremos os esquemas tensivos descritos no livro *Semiótica do Discurso* (FONTANILLE, 2007), e o fazer missivo, articulado na relação remissivo vs. emissivo, de acordo com a categoria formal descontinuidade vs. continuidade, presente no livro *Razão e Poética do Sentido* (ZILBERBERG, 2006). Na semiótica tensiva o fluxo discursivo permite uma melhor análise nas relações semi-simbólicas, correlacionando o fluxo da expressão com o conteúdo. A separação entre plano de expressão e plano de conteúdo perde um pouco sua pertinência, sendo que a expressão está, a todo momento, produzindo sentido relacionado com o conteúdo.

## ESPAÇO E LÍNGUA: ANÁLISE DA NARRAÇÃO DE UMA PARTIDA DE FUTEBOL TRANSMITIDA POR RÁDIO

Rodrigo Lazaresko Madrid (CNPq)  
rlmadrid@usp.br

Esta pesquisa tem como objetivo descrever processos de elaboração semântica no português brasileiro usados em narrações de futebol transmitidas por rádio. Será analisado um trecho de transmissão gravado ao vivo, cotejado em sincronia com a gravação em vídeo da partida sendo narrada, no

intuito de observar como a língua pode revelar fenômenos cognitivos ligados à percepção. Este estudo mostra-se pertinente na medida em que analisará uma produção de fala espontânea que descreve cenas a destinatários sem acesso visual a elas – propiciando um corpus com grande carga de informações visuo-espaciais codificadas em língua. A partir da gravação do vídeo e do áudio, os dados serão transcritos com o uso do software ELAN, do Max Planck Institute for Psycholinguistics. A fala do narrador será segmentada em unidades entoacionais de acordo com Chafe (1980) que, posteriormente, serão classificadas como descrições on-line, descrições off-line e antecipações (unidades produzidas simultaneamente ao evento descrito, independentemente do evento em questão e anteriormente ao evento), seguindo Müller (2008). O corpus será analisado de acordo com as propostas de conceitualização da linguística cognitiva, sobretudo por meio da subjetificação apresentada por Langacker (1985, 2000) e dos sistemas esquemáticos (estrutura configuracional, ponto de perspectiva, distribuição da atenção e dinâmicas de força) introduzidos por Talmy (2000).

## ALGUNS EFEITOS DE FREQUÊNCIA SOBRE A REALIZAÇÃO DE MORFOLOGIA DE CASO DATIVO NO ALEMÃO

Rogério Ferreira da Nóbrega  
rogerio.nobrega@usp.br

Este trabalho tem como objetivo a análise do desenvolvimento do sistema de casos no alemão, especialmente no que diz respeito à flexão nominal para o caso dativo singular. Já no século retrasado, gramáticos assistiam atônitos à queda do dativo em -e junto a substantivos da chamada declinação forte e buscavam reunir vãos esforços para a preservação do schwa característico desta declinação e também do genitivo singular de substantivos do mesmo gênero.

Essa mudança é atribuída, de maneira mais geral, ao enfraquecimento das sílabas átonas nas línguas germânicas, porém, pouca atenção tem se dado à questão de sob em que circunstâncias mais específicas ela se processou. Nesta análise, busca-se explicitar a interação de fatores internos e externos à língua que tenham desempenhado um papel importante na mudança. Veremos a evolução do paradigma nominal desde estágios anteriores da língua até os dias atuais. Daremos uma visão geral sobre características do substantivos do alemão, cuja parcela passível de declinação em -e no dativo gira em torno de um terço do vocabulário da língua.

Os dados analisados provêm da prosa literária em língua alemã dos séculos XVIII a XX. Foram extraídas do corpus as ocorrências de dativo com ou sem a realização do -e. Nesta análise, buscam-se verificar os fatores que condicionam a (não) realização do morfema de caso em questão. Uma

das hipóteses é a de que há uma distribuição desproporcional da perda de caso de acordo com a preposição que o rege, isto é, algumas preposições podem impor mais resistência à queda do marcador do substantivo ao qual elas atribuem caso, ideia já ventilada por Boas (2009) para o alemão texano, o que se verifica estatisticamente. Busca-se, em suma, verificar os efeitos de diferentes fatores de mudança em termos de frequência.

## SEMIÓTICA DA COMPOSIÇÃO PICTURAL: O JOGO TENSIVO ENTRE O FIGURATIVO E O PLÁSTICO NA SÉRIE DAS LIGAS DE WESLEY DUKE LEE

Saulo N. Schwartzmann (CAPES)  
saulosns@gmail.com

Esta comunicação tem como objeto a Série da ligas, de Wesley Duke Lee (COSTA, 2010), e a examina do ponto de vista da semiótica tensiva (ZILBERBERG, 2011). Seu objetivo principal é verificar como se dão as operações no plano da expressão cuja semiótica se apoia nas articulações entre as ocorrências concretas (substâncias) e os sistemas de posições vazias, as estruturas; nesse sistema de estrutura, essas ocorrências assumem valores, ora de esvaziamento, ora de preenchimento. O jogo entre um e outro ocorre em um contínuo tensivo que oscila entre uma configuração mais plástica e outra mais figurativa, o que nos permite depreender um andamento mais acelerado ou mais desacelerado a depender das escolhas enunciativas. Inicialmente, abordamos a abstração e a figurativização nas artes plásticas, contemplando objetividade e subjetividade. Ainda ocupamo-nos das escolhas enunciativas de expressão e conteúdo focalizando, inteligível e sensível na pintura e, particularmente, na obra de Duke Lee. Focalizamos também coerções artísticas de estilo e de gênero, assim como os efeitos de linha e cor entre desenho e pintura. Foi ainda objeto de exame a semiose das linhas, em que tratamos de sua tonicidade. Finalmente, cuidamos de operações da substância da expressão e de seus efeitos na linguagem plástica. O que nos levou a considerar a relação de contraste e valores bem como a relação sintáxica na Série das ligas. Fecha esta comunicação um conjunto de observações, entre as quais se destaca a de que o artista elege elementos expressivos que se orientam de valores mais extensos a mais intensos, sugerindo o alcance da liberdade das coerções miméticas das figuras do universo erótico para atingir operações das substâncias em forma (HJELMSLEV, 1975).

## A EVIDENCIALIDADE EM KARITIANA

Thiago Chaves Alexandre (CAPES)  
tchavesalexandre@gmail.com

O presente trabalho pretende utilizar elementos da Semântica Formal como ferramentas para analisar o fenômeno da Evidencialidade. Ele tem como objetivo analisar e explicar detalhadamente o sistema evidencial na língua Karitiana, língua do tronco Tupi e única representante ainda falada da família Arikém, com população localizada em Rondônia.

O trabalho começa com uma explicação sobre o que são sistemas evidenciais, mostrando exemplos em várias outras línguas e na língua Karitiana e depois parte para a análise deste sistema no Karitiana em específico.

Através de entrevistas utilizando o método da elicitación controlada com falantes bilíngues (falantes nativos do Karitiana), o presente trabalho analisa a possibilidade de vários tipos de utilização dos evidenciais em sentenças assim como tenta delimitar seu escopo e a sua coexistência com outros elementos, como advérbios de modo, tempo, modais epistêmicos e ainda construções evidenciais em sentenças negativas.

O trabalho ainda traz a discussão sobre como agem os evidenciais em Karitiana e como classificar a classe evidencial, sendo que dois grandes teóricos Palmer (2007) e Faller (2002) têm suas próprias formas de classificação sendo que nesta os evidenciais modificariam um ato de fala, funcionando como o operador ilocucionário e para aquele o sistema evidencial é parte da modalidade epistêmica, sendo a modalidade evidencial.

## GRAFITE E PICHÃO: PERCURSOS VALORATIVOS

Thiago Moreira Correa (CNPq)  
thiago.moreira.correa@usp.br

Da marginalização ao museu, o grafite foi alçado à condição de Street Art. O “vandalismo” urbano, tomado pela sociedade dos anos de 1960 e 1970, logrou seu reconhecimento pela tradição como objeto de arte a partir dos anos de 1980. Devido a uma contínua variação do seu plano de expressão, o grafite toma as paredes do museu e ao mesmo tempo questiona seu espaço por meio da exploração da cidade como um museu aberto e o democrático acesso às obras gratuitamente. Assim,

ao tratar de sua história, é criado um desafio científico a respeito do método a ser considerado, pois é diminuída a estabilidade que o distanciamento histórico traz aos estudos diacrônicos, ou seja, o grafite ainda não se fixou como um movimento artístico delimitado. Dessas contínuas variações, a pichação se destaca regionalmente: somente no Brasil é encontrado esse estilo de arte urbana. A nossa abordagem procura inicialmente objetos do mainstream do movimento de arte urbana, para descrever, em parte, o percurso da valorização social obtido pelo grafite e as possíveis explicações sobre a negação social de sua variante, o picho. Então, busca-se nos conceitos de normas e valores (KLINKENBERG, 2008), sob o viés da semiótica tensiva, um instrumento para analisar não somente o percurso histórico realizado pelo grafite, mas também para entender a produção contemporânea de sua variação mais destacada.

## A MODULARIDADE DA MENTE: BASES E ESCOPOS DE PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS AOS ESTUDOS DA LINGUAGEM HUMANA

Vanessa Bottasso Valentini  
vanessa.bottasso@gmail.com

O presente trabalho busca desenvolver uma pesquisa de cunho epistemológico sobre as bases teóricas que sustentam modelos de análise linguística. Tomando-se a linguagem como manifestação empírica de vestígios das estruturas mentais, muito do que se faz na área de estudos linguísticos tem em vista determinados pressupostos sobre o aparato cognitivo humano. Sendo Chomsky em *New horizons in the study of language and mind* (CHOMSKY, 2000) o responsável por reforçar a necessidade de não se abrir mão do rigor epistemológico ao ser o homem estudado em suas capacidades cognitivas, o percurso deste trabalho buscará demonstrar os pressupostos teóricos que norteiam a hipótese da modularidade da mente e as bases que sustentam as metodologias de pesquisa da linguagem humana, pilares sobre os quais se edificam os métodos de análise do gerativismo. Tal estudo partirá da obra *Modularity of mind* (FODOR, 1983) como forma de identificar como se construiu determinado pensamento científico e terá como objetivo mapear suas consequências metodológicas, bem como apontar seus desdobramentos em literatura mais recente do mesmo autor. Assim, considerando-se que ao estudioso da linguagem a delimitação de sua base de análise é essencial para que esta se desenvolva, o presente trabalho tem por objetivo contribuir para a área ao precisar a delimitação dos pontos de vista para que sejam delineados os objetos de análise. Da mesma forma pretende-se contribuir à identificação dos desdobramentos a que se permite chegar quando tomada como pressuposta determinada conceituação.

## A COMPOSIÇÃO COMO PARTE DA LINGUAGEM HUMANA: UMA ABORDAGEM SINTATICOCÊNTRICA

Vitor Augusto Nóbrega (CNPq)  
vitor.augusto.nobrega@gmail.com

Levando em consideração os aspectos universais e particulares da composição levantados pelos trabalhos de cunho tipológico e taxonômico (cf. GUEVARA; SCALISE, 2009, SCALISE; BISETTO, 2009, BAUER, 2009), buscamos explicar como a formação dos compostos se processa como parte da linguagem humana. Adotando o Princípio da Uniformidade, delineado por Chomsky (2001), partimos da visão de que a formação dos compostos nas línguas naturais ocorre de modo uniforme e a sua variação superficial é devida ao componente fonológico.

Assumindo uma visão de gramática sintaticocêntrica, a Morfologia Distribuída (cf. HALLE; MARANTZ, 1993), e, adotando um posicionamento de morfologia-como-sintaxe, elencamos quais são as informações mínimas a que o componente sintático deve ter acesso a fim de gerar um composto. Contrariamente aos núcleos funcionais sugeridos por Di Sciullo (2009), propomos que a característica unificadora dos compostos é a formação de um domínio categorial acima de uma combinação entre núcleos complexos, de acordo com a seguinte assunção:

### Composto

Um composto é formado quando a combinação de dois núcleos complexos, em determinada relação sintática – seja ela, subordinação, atribuição ou coordenação –, é recategorizada por um núcleo definidor de categoria *n*, *v* ou *a*.

Essa assunção congrega as duas informações mínimas para a formação de um composto, a saber: (i) o estabelecimento de uma relação gramatical, a qual é fornecida pela natureza da operação Merge, e (ii) a recategorização desse complexo formado, a qual consegue explicar um conjunto de problemas relacionados à composição, tais como problemas de projeção, de exocentricidade morfológica e de adição de estrutura argumental.

Como resultado, mostramos que a combinação entre os constituintes de um composto decorre dos princípios gerais presentes no componente sintático, ao passo que sua realização, seja ela como uma combinação de radicais ou de palavras, é resultado de sua externalização, e, portanto, está a cargo do componente fonológico.

## RESULTADOS SOBRE ESTUDOS DE NASALIZAÇÃO NA LÍNGUA DÂW (NADAHUP-AM)

Wallace Costa de Andrade (CNPq)  
wallace.andrade@usp.br

A língua Dâw, pertencente à família Nadahup (outrora Maku), é falada por 134 falantes na região do Noroeste amazônico. Nosso objetivo é apresentar uma descrição aprofundada da nasalização nesta língua. Martins (2004) afirma que a língua apresenta distinção fonêmica entre fones orais e nasais tanto em vogais quanto em consoantes. Com dados acústicos e aerodinâmicos, além da distribuição fonológica, corroboramos sua análise apresentando dados consistentes, principalmente para as alofonias de consoantes nasais com contorno oral. Segundo a mesma autora, a língua apresenta um espalhamento de vogais nasais para consoantes aproximantes tautossilábicas. Neste ponto, essa pesquisa vem acrescentar que, além de consoantes aproximantes, esse espalhamento afeta também as consoantes fricativas, que são surdas na língua. Durante o desenvolvimento da pesquisa, tomamos a Fonologia de Laboratório como norteadora, unindo Fonética e Fonologia para descrever fenômenos fonológicos através de experimentos fonéticos. Consideramos, também, a Fonologia Articulatória (BROWMAN; GOLDSTEIN, 1989; ALBANO, 2001) para descrever a articulação dos fenômenos envolvendo nasalização e sua caracterização fonológica. A metodologia utilizada foi a gravação de dados obtidos através da elicitación com 3 falantes nativos. Dados acústicos foram gravados com gravadores digitais; dados aerodinâmicos foram gravados com a estação de trabalho EVA2, com canais diferenciados para medida de fluxo de ar oral e fluxo de ar nasal, para maior precisão.

## EM BUSCA DA HISTÓRIA LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA PERSPECTIVA SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA SOBRE EVENTOS

Wânia Miranda (CAPES)  
waniamiranda@usp.br

O objetivo deste projeto é empreender um estudo sobre determinados aspectos semântico-pragmáticos do português brasileiro dentro da área denominada História Linguística tal como proposta por Negrão e Viotti (2012).

As autoras chamam a nossa atenção para a necessidade de abrir espaço para o estudo social



do português brasileiro e para a realização de uma História Linguística dele, não no sentido da Linguística Histórica, mas sim, no sentido de reconstruir a ecologia de contato, existente no início da colonização brasileira, entre os falantes das diferentes línguas que aqui coexistiam.

Diante disso, na esfera linguística, caberia verificar os traços linguísticos das variedades em competição nesse ambiente, voltando-se para as propriedades gramaticais das línguas que participaram da formação do português brasileiro, analisando, desta feita, não só os traços das línguas participantes, mas também a possível congruência entre os traços em contato. Para tanto, faz-se necessário adotar uma teoria de mudança linguística que abarque essas questões trans-linguísticas. A teoria desenvolvida por Mufwene (2001) e (2008) parece dar conta dessas questões.

De acordo com as análises de Negrão e Viotti (2008), a maneira de conceitualizar os eventos, no português brasileiro, difere daquela usada pelos portugueses. Essa estrutura ideacional envolve, segundo as autoras, os diferentes arranjos perspectivais do evento e seus participantes e essa mudança do português brasileiro é refletida nas estratégias de impessoalização.

Tomando a hipótese de que o contato com diferentes línguas (africanas e indígenas) teve, como consequência, uma mudança no modo de conceitualização por parte do português falado no Brasil, pode-se, então, atestar essa mudança através de outras estratégias linguísticas e, são essas estratégias, que serão buscadas a partir da análise dos diferentes tipos de eventos --- Parsons (1990) e Bach (1986). Para isso, devemos também levar em conta na análise a conceitualização dos eventos nas diferentes línguas que tiveram papel no contato.

## “ACREDITO QUE ELES FALAM DESSA FORMA”: O INDICATIVO NA EXPRESSÃO DO MODO SUBJUNTIVO

Wendel Silva dos Santos (CNPq)  
wendel\_silva@globocom

Este trabalho, que se fundamenta nos pressupostos da sociolinguística variacionista (LABOV, 1972, 1994, 2001), objetiva analisar os casos de subordinação a verbo, em que o modo subjuntivo é variavelmente expresso – com morfologia de indicativo ou de subjuntivo – como em “acredito que eles falam dessa forma” e “acredito que seja a melhor oportunidade”. As ocorrências desse tipo foram extraídas de 72 entrevistas sociolinguísticas gravadas em São Paulo (SP) e São Luís (MA), com falantes nascidos e criados nessas capitais, estratificados de acordo com seu sexo/gênero, três faixas etárias (18 a 35 anos; 36 a 59 anos e mais de 60) e dois níveis de escolaridade (ensino médio e superior). Os dados foram quantitativamente analisados com o GoldVarb X (SANKOFF;

TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) no sentido de verificar que fatores se correlacionam à seleção dessas morfologias.

A discussão dos dados parte da impressão, por parte de falantes nativos de português brasileiro não naturais de São Paulo, de que os paulistanos em geral não empregam (ou empregam “pouco”) o subjuntivo. A análise comparativa permite verificar que o indicativo é mais frequente nesses casos de subordinação em ambas as cidades, mas os paulistanos utilizam o subjuntivo de fato menos frequentemente do que os ludovicenses. Os fatores que se correlacionam à seleção dessas morfologias, contudo, se assemelham. Entre outros grupos de fatores, analisam-se o tipo de verbo da oração principal, o tempo verbal da principal e da subordinada e a presença de negação. Os resultados também mostram que o indicativo é mais frequente entre os sujeitos mais jovens.

→ ÍNDICE

Autor	Título	
Aline Garcia Rodero Takahira	UMA PROPOSTA DE ANÁLISE PARA SINAIS MORFOLOGICAMENTE COMPLEXOS DA LIBRAS	11
Alpha Condeixa Simonetti	O DISCURSO GESTUAL NO TEATRO	11
Andressa Toni	A SUPERAPLICAÇÃO DA PALATALIZAÇÃO EM ONSETS COMPLEXOS /t□, d□, t , d / NÃO PRODUZIDOS: PERSPECTIVAS DE ANÁLISE	11
Arthur Pereira Santana	VOGAIS POSTÔNICAS NÃO-FINAIS: DESCRIÇÃO ACÚSTICA E O CORRELATO FONOLÓGICO.	12
Bruna Paola Zerbinatti	O ANDAMENTO NA TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA	12
Bruna Soares Polachini	“VERBO SUBSTANTIVO” EM GRAMÁTICAS BRASILEIRAS DO SÉCULO XIX	13
Bruno Ferrari Guide	ABORDAGEM COMPUTACIONAL PARA A QUESTÃO DO ACENTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	13
Carina Silva Fragozo	PERCEPÇÃO E PRODUÇÃO DO SCHWA POR FALANTES DE INGLÊS COMO L2	13
Carolina Fernochi Sant’Ana	A CIRCULARIDADE EM CICLONES, DE ROBERTO PIVA	14
Carolina Tomasi	DA NEGAÇÃO DA EUFORIA BARROCA À AFIRMAÇÃO DA POESIA DA AGUDEZA	14
Cássio Andrade Santos	PRINCÍPIOS DE UMA ABORDAGEM DINÂMICA DO ACENTO LEXICAL NA FALA E NO CANTO	15
Daniel Carmona Leite	SEMIÓTICA DA EMANCIPAÇÃO A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS PRÓPRIAS RELATADAS POR JOVENS	15
Dario de Araujo Cardoso	VERIDICÇÃO E PRESENÇA NA BÍBLIA SAGRADA	15
Dayane Celestino de Almeida	SOCIOLINGÜÍSTICA FORENSE NO FACEBOOK: USOS LINGÜÍSTICOS RELACIONADOS A SEXO/GÊNERO	16
Diocleyr Baulé	LÍNGUA NATURAL & SISTEMA MUSICAL - OUTROS ENFOQUES PARA UMA VELHA ANALOGIA	16
Fernanda Canever	INFINITIVOS FLEXIONADOS E A VISÃO LANGACKERIANA DE LÍNGUA	17
Fernanda Rosa	MOVIMENTO DE TÓPICO E FOCO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: SERIA UMA QUESTÃO DE CONTRASTE?	17

Fernando Gomes da Silva	ALAGOANOS EM SÃO PAULO E A CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO	17
Henrique Martins de Morais	A VOCALIZAÇÃO DA CONSOANTE LATERAL: UM BREVE ESTUDO SOBRE A DIACRONIA DESTE PROCESSO EM FRANCÊS E OUTRAS LÍNGUAS EUROPEIAS	18
Ivan Rocha	ORAÇÕES SUBORDINADAS RELATIVAS VERSUS ADVERBIAIS EM KARITIANA	18
Jéssica Costa	AS CLASSE VERBAIS DA LÍNGUA DÂW	19
Joana Bortolini Franco	A FORMA DE VIDA EM WITTGENSTEIN E A TEORIA DO CORPOREAMENTO DA LINGÜÍSTICA COGNITIVA	19
João Paulo da Silva	NARRATIVA SINALIZADA E O USO DE DEMONSTRAÇÕES	20
Julia de Crudis Rodrigues	OS METATERMOS “VOZ” E “LETRA” EM GRAMÁTICAS PORTUGUESAS DO SÉCULO XIX	20
Júlia Sales Paez Fernandez	‘POR QUE O DINAMARQUÊS É UMA LÍNGUA TÃO COMPLICADA?’ - PROCESSOS DE ENFRAQUECIMENTO CONSONANTAL NA LÍNGUA DINAMARQUESA	20
Juliana Ángel-Osorno	DESCRIÇÃO SEMÂNTICA DE UMA NARRATIVA EM ESPANHOL ANDINO COLOMBIANO	21
Karin Camolese Vivanco	ORAÇÕES RELATIVAS NO KARITIANA	21
Lara Frutos	NÚCLEOS FUNCIONAIS OU ADJUNTOS? UMA ANÁLISE SINTÁTICA DOS INTENSIFICADORES DE GRAU NO GUARANI PARAGUAIO	22
Larissa Soriano	SIGNIFICADOS SOCIAIS DE /-r/ EM SÃO PAULO	22
Livia Oushiro	O ENCAIXAMENTO DE MÚLTIPLAS VARIÁVEIS SOCIOLINGÜÍSTICAS NA COMUNIDADE PAULISTANA	23
Lucas Takeo Shimoda	FISIONOMIA E VARIAÇÕES TIMBRÍSTICAS: ESTUDO DE CASO DO ÁLBUM “MÚSICA DE BRINQUEDO”	23
Lygia Torelli	TÉCNICAS DIDÁTICAS DE FERDINAND DE SAUSSURE NO PRIMEIRO CURSO DE LINGÜÍSTICA GERAL	23
Marcos Rogério Martins Costa	UM ESTUDO SEMIÓTICO DA POLIFONIA BAKHTINIANA: OS ROMANCES DE FIÓDOR DOSTOIEVSKI	24
Mariane Esteves Bieler da Silva	FREQÜÊNCIA LEXICAL E A PRONÚNCIA VARIÁVEL DE /-r/ EM ITANHANDU	24
Marília Vieira	AÍ, DAÍ E ENTÃO: JUNTIVOS E MARCADORES DISCURSIVOS	25
Melanie Campilongo Angelo	A PROSÓDIA NA DESAMBIGUIZAÇÃO DE SENTENÇAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: PISTAS DE DURAÇÃO E ENTOAÇÃO	25

Patrícia de Souza Borges	MACEDO SOARES [1838 - 1905] E O CONTATO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO COM AS LÍNGUAS AFRICANAS EM ESTUDOS LEXICOGRAFICOS DO DIALETO BRASILEIRO (1943[1874-1890]).	26
Paula Bauab Jorge	O CLÍTICO 'SE' NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	26
Paula Martins de Souza	ENUNCIADOS MODAIS REGENDO ENUNCIADOS DESCRITIVOS: UMA ESTRATÉGIA DO SUJEITO	26
Renata Lúcia Moreira	A CATEGORIA DE TEMPO EM TEXTOS DA LIBRAS: AS MARCAS DE PRESENTE, PASSADO E FUTURO	27
Ricardo Akira Sanoki	TENSÃO E RELAXAMENTO NO VÍDEO "THE SPACE BETWEEN THE TEETH", DE BILL VIOLA	27
Rodrigo Lazaresko Madrid	ESPAÇO E LÍNGUA: ANÁLISE DA NARRAÇÃO DE UMA PARTIDA DE FUTEBOL TRANSMITIDA POR RÁDIO	27
Rogério Ferreira da Nóbrega	ALGUNS EFEITOS DE FREQUÊNCIA SOBRE A REALIZAÇÃO DE MORFOLOGIA DE CASO DATIVO NO ALEMÃO	28
Saulo N. Schwartzmann	SEMIÓTICA DA COMPOSIÇÃO PICTURAL: O JOGO TENSIVO ENTRE O FIGURATIVO E O PLÁSTICO NA SÉRIE DAS LIGAS DE WESLEY DUKE LEE	28
Thiago Chaves Alexandre	A EVIDENCIALIDADE EM KARITIANA	29
Thiago Moreira Correa	GRAFITE E PICHANÇA: PERCURSOS VALORATIVOS	29
Vanessa Bottasso Valentini	A MODULARIDADE DA MENTE: BASES E ESCOPOS DE PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS AOS ESTUDOS DA LINGUAGEM HUMANA	29
Vitor Augusto Nóbrega	A COMPOSIÇÃO COMO PARTE DA LINGUAGEM HUMANA: UMA ABORDAGEM SINTATICOCÊNTRICA	30
Wallace Costa de Andrade	RESULTADOS SOBRE ESTUDO DE NASALIZAÇÃO NA LÍNGUA DÂW	30
Wânia Miranda	EM BUSCA DA HISTÓRIA LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA PERSPECTIVA SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA SOBRE EVENTOS	30
Wendel Santos	"ACREDITO QUE ELES FALAM DESSA FORMA": O INDICATIVO NA EXPRESSÃO DO MODO SUBJUNTIVO	30



## ENCONTRO DOS ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA



FFLCH USP



# XVII ENAPOL

XVII Encontro dos Alunos de Pós-Graduação em Linguística  
"Caminhos acadêmicos: o percurso do aluno de pós-graduação".



FFLCH

